



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**UM ESTUDO SOBRE A EXPRESSÃO GRAMATICAL DA POLIDEZ EM
LIBRAS**

Rosani Kristine Paraíso Garcia

Brasília (DF)

2018



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**UM ESTUDO SOBRE A EXPRESSÃO GRAMATICAL DA POLIDEZ EM
LIBRAS**

Rosani Kristine Paraíso Garcia

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rozana Reigota Naves

Coorientadora: Profa. Dr^a. Walkiria Neiva Praça

Brasília (DF)

2018

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de autoria de Rosani Kristine Paraíso Garcia, intitulada “Um estudo sobre a expressão gramatical da Polidez em Libras”, requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, defendida e aprovada, em 27 de fevereiro de 2018, pela banca examinadora constituída por:

Profª. Drª. Rozana Reigota Naves
Universidade de Brasília
Orientadora e Presidente

Profª. Dr. Rodrigo Rosso
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro Titular

Profa. Dra. Margot Latt Marinho
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal
Membro Titular

Profa. Dra. Helena Guerra Vicente
Universidade de Brasília
Membro Suplente

*Porque eu, o Senhor teu Deus, te
seguro pela tua mão direita e te
digo: Não temas; eu te ajudarei.
(Isaías 41:1)*

AGRADECIMENTOS

À querida **Professora Rozana Reizota Naves**, por aceitar me acompanhar nesta pesquisa me orientando e incentivando a não desistir do estudo, apesar da distância. Obrigada de coração.

À querida **Professora Walkiria Neiva Praça**, pelo apoio na realização desta pesquisa.

A todas as professoras e professores do Mestrado pelas aulas enriquecedoras.

A todos tradutores/intérpretes da UnB, agradeço imensamente e de coração pelo apoio e incentivo para não desistir do mestrado.

Aos queridos Flávio Nascimento (in-memoriam), Bianca Lorena, Leni, Illian, por se fazerem presentes durante os diálogos.

Ao amigo surdo **Jacson Rafael** por colaborar com seus desenhos que muito enriqueceram este trabalho.

A todos os amigos surdos e aos intérpretes, agradeço pelo apoio e incentivo.

Aos queridos **Fátima Félix, Fabíola, Christianne Dias, Davi Vieira, Maria Cristina Norton, Fernanda Soares e Clarissa Guerretta** agradeço imensamente pelo apoio e incentivo.

Às queridas surdas colegas do mestrado **Cintia Caldeira e Silvia Calixto** por se fazerem presentes durante às aulas, às discussões e pela amizade.

À Professora **Dra. Aline Garcia**, por me ensinar de modo claro a discussão em Tópicos de Formalidade e Informalidade em LSB na UFJF.

Ao meu noivo **Gustavo**, agradeço por tudo, pelo apoio nas horas difíceis e palavras de incentivo.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, luz inspiradora e motivadora e a meu pai, que durante todos esses anos, sempre estiveram a meu lado apoiando e abrindo mão de seus ideais para que eu alcançasse os meus. Sou eternamente grata.

APRESENTAÇÃO

Sou a quarta filha de pais ouvintes. Com surdez congênita, tive acompanhamento fonoaudiólogo, tanto no desenvolvimento da língua oral, como da escrita, desde criança. A comunicação em família se dava por meio da oralização e da leitura orofacial. Minha família e uma equipe multidisciplinar trabalharam com seriedade e determinação para que eu pudesse alcançar tudo o que é possível a uma ouvinte.

Aos cinco anos de idade fui transferida para uma escola especial, com muitos alunos surdos, mas ainda era obrigada a oralizar. Para aprender a falar, eu colocava uma mão no meu pescoço ou na minha face e a outra mão no pescoço ou na face da pessoa que estava me ensinando, para sentir a vibração do som e tentar emitir esse som com a minha voz. Nos momentos informais, as crianças surdas se comunicavam usando gestos e alguns sinais básicos da Língua de Sinais Brasileira (Libras). E foi nesse contexto que a Libras foi introduzida em minha vida. Logo, aos dez anos de idade, fiz um cursinho de Libras, aprendi o alfabeto manual, sinais novos e assuntos sobre cultura a surda. Passei a conviver com outros surdos para troca de experiências.

Na sequência, voltei a estudar em classe comum. Os professores comunicavam-se com os surdos em língua portuguesa e em língua de sinais, mas as escolas ainda não estavam preparadas para o ensino bilíngue – o que havia era o português sinalizado. Nessa época, meus pais, já bem informados sobre a língua de sinais, vendo o meu progresso, entenderam que a Libras deve ser a língua de instrução e de interação dos surdos, seguida da modalidade escrita da língua portuguesa, ensinada com metodologias de ensino de segunda língua.

Na época do processo seletivo para o curso superior, ainda não existia a reserva de cotas e eu concorri a uma vaga com os ouvintes. Fui aprovada no curso de Sistemas de Informação e iniciei as aulas sem intérprete de Libras. Uma colega, movida pela solidariedade, começou a aprender Libras para me ajudar a entender o que estava sendo ensinado pelos professores. Depois de

muita luta para ter meus direitos garantidos, a Universidade colocou em sala de aula uma intérprete de Libras. Lutar valeu a pena, pois consegui a minha primeira vitória, obtendo a nota máxima na monografia com o título “Software para facilitar a comunicação entre surdos e ouvintes”, sendo a primeira aluna surda graduada em Montes Claros.

Comecei a fazer o curso de instrutora de Libras no Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS). Na época, pensei que seria fácil ensinar Libras no nível básico para ouvintes, já que sou surda e fluente nessa língua. Vi que não era algo tão simples assim e fui sentindo necessidade de aperfeiçoamento. Desde então, comecei uma incessante busca por vários cursos, pesquisas, congressos, além de participar das reuniões com os outros instrutores, e obtive o certificado de proficiência em Libras nível superior, por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação.

A minha função era organizar as aulas, atender os alunos surdos e preparar a interpretação de histórias em Libras. No entanto, os professores ouvintes começaram a me pedir ajuda com os sinais em algumas disciplinas. Também combinei com os instrutores surdos reuniões semanais para estudar, discutir, preparar as aulas, combinar os sinais para não confundir os alunos surdos e ouvintes. As apostilas eram basicamente compostas por lista de palavras/sinais divididos por classes semânticas. Não havia maiores explicações teóricas, detalhamento de expressões faciais, regras gramaticais nem tão poucos exercícios.

Atuando como instrutora de Libras num tempo em que havia uma grande necessidade desses profissionais, porém havia poucos materiais e referências teóricas e práticas para essa atuação específica, deparei-me com inúmeras dificuldades decorrentes de uma prática baseada em minhas próprias experiências e nas referências de instrutores com mais experiência. Nesse primeiro momento, as estratégias que usei nas aulas de Libras eram impróprias para o ensino de uma língua de modalidade visual. Algumas dessas estratégias eram: o uso do português escrito no quadro, excesso no uso de mímicas para facilitar o entendimento dos conteúdos. Algumas experiências profissionais como instrutora de Libras no ensino de L2 para ouvintes e a substituição dessas estratégias por outras mais adequadas à modalidade de ensino dessa

língua contribuíram para as mudanças metodológicas que implementei ao longo da minha carreira.

No contexto de ensino que acabo de apresentar, fui atuando e acumulando experiências no ensino de Libras. A partir de então, passei a seguir as orientações presentes no livro *Libras em contexto*, material editado pelo Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos do Ministério de Educação e Cultura pelo MEC, em 2001. Nesse material, observa-se uma orientação formal para o ensino de Libras, em uma perspectiva diferente daquela utilizada pela maioria dos instrutores surdos: o livro é organizado a partir de unidades temáticas que visam a levar o aprendiz a utilizar o vocabulário aprendido em frases ou em diálogos, voltando, assim, o ensino para o uso dessa língua em situações simuladas. Apesar da metodologia de ensino inovadora para aquele momento, o livro-guia deveria ser seguido fielmente pelo professor, fato que justifica os planos de aula prontos encontrados neste material (GESSER, 2009). Dessa forma, caso o professor não tenha boa didática para o ensino de Libras, não saiba como avaliar os alunos e não tenha flexibilidade para alterar os planejamentos conforme as necessidades de cada grupo, o ensino acaba seguindo um único e mesmo padrão e, com isso, há perda de interesse dos alunos que acabam desistindo do curso.

Uma estratégia para alterar essa realidade, sem alterar, no entanto, os temas necessários para a aprendizagem de Libras, pode ser a introdução de dinâmicas e jogos que ajudam a ter uma maior participação dos alunos nas aulas. Essas atividades podem ajudar alguns alunos a se sentirem livres e perderem o medo de usar a língua em algumas situações; auxiliando o desenvolvimento das expressões próprias da língua e proporcionando uma aprendizagem prazerosa, visando ao uso da língua e não, apenas, de seus aspectos formais, mediante a interação das pessoas que constituem o grupo.

Com isso em mente, constantemente busco materiais que possam me auxiliar. Quando procuro bibliografia sobre atividades e jogos para curso de línguas, observo que há uma infinidade de opções, mas, infelizmente, a maioria desses materiais contém uma metodologia indicada para línguas orais, já que a dinâmica desses jogos trabalha com rimas e poesias, utilizando prioritariamente, os aspectos sonoros, por exemplo. Hoje algumas empresas

estão introduzindo materiais didáticos e bibliografia específica para cursos de Libras, mas ainda são iniciativas bastante tímidas e restritas se comparadas ao mercado bibliográfico voltado para o ensino de línguas orais (FELIPE, 2001; PIMENTA e QUADROS, 2006; ALBRES, 2008). Dentro da minúscula fatia do imenso mercado bibliográfico brasileiro, são quase inexistentes pesquisas voltadas para a dinâmica do ensino de Libras, razão pela qual me vi impulsionada a adaptar e criar uma metodologia própria, objetivando possibilitar que os alunos ouvintes tenham acesso à Libras de forma divertida e prazerosa, a fim de favorecer o processo de aprendizado da língua de sinais.

Diante da experiência como educadora de Libras para surdos e ouvintes, senti necessidade de adaptar as dinâmicas usadas no ensino e verificar a sua eficácia, o que fiz em um trabalho anterior. Os planos de aula que elaborei foram focados na estimulação de vocabulário por categorias semânticas e, em seguida, na sua aplicação com o uso da sintaxe de Libras. Essa experiência me mostrou que a aprendizagem dos alunos acontecia de forma mais fácil. No dia-a-dia, percebi a necessidade de adaptações nas dinâmicas para os ouvintes, pois é muito comum alguns alunos não possuírem a percepção visoespacial necessária para o aprendizado adequado da língua de sinais.

Dessa forma, compreendi que, para que se realize um trabalho efetivo na perspectiva bilíngue, faz-se necessário repensar propostas pedagógicas não apenas para a educação da pessoa surda, mas também para a formação dos profissionais ouvintes que atuarão junto aos surdos, sejam professores, intérpretes ou outros profissionais que utilizarão a Libras em suas profissões. Ainda, frequentemente, vejo professores que atuam na área de ensino de Libras realizando atividades que não são próprias dessa língua, não respeitando suas características linguísticas. Eles pedem a seus alunos que façam atividades partindo do português e não da própria língua de sinais. Essa prática, de certa forma, dificulta e cria uma barreira no desenvolvimento da fluência desse aluno.

O fato de poucos trabalhos terem sido desenvolvidos discutindo metodologias próprias para o ensino dessa língua é decorrente, em grande parte, de os estudos sobre Libras serem recentes. Alguns autores afirmam que o ensino de Libras é marcado ainda pela vivência dos professores surdos, que reproduzem na sala de aula os mesmos métodos de ensino a que foram

submetidos nas escolas quando do ensino-aprendizagem da língua portuguesa (LACERDA e POLETTI, 2004). Lembro-me, por exemplo, que minhas professoras de português mostravam na lousa listas de palavras descontextualizadas, certamente imaginando que seríamos capazes de memorizar todas elas. Isso se refletiu na minha prática como professora no início da minha carreira e, infelizmente, ainda se reflete na prática de outros professores surdos. É muito comum ver professores de Libras trabalhando listas de sinais descontextualizados e ensinando-os sem interação com os alunos.

Cursos ministrados por diversas instituições também apresentavam e, em alguns casos, ainda apresentam o mesmo problema discutido acima. Na Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), até 2001, os professores improvisavam materiais que, quase sempre, tinham como base lista de palavras/sinais divididos por classe semântica. Esses materiais eram compostos por um desenho (como se realizava o sinal) e, ao lado, encontrava-se a descrição do item lexical em português, contendo a configuração de mão necessária, o local de articulação e o movimento utilizado para a produção do sinal. Pouco se dizia sobre outros aspectos importantes para a significação da língua, como expressões faciais e corporais.

Uma das formas de tornar o aprendizado de Libras mais efetivo é promover situações de uso da língua, nas quais os alunos possam aprender a expressar seus pensamentos de forma natural e descontraída. Essas situações levam os alunos ao contato com aspectos mais amplos da língua – seu uso e aspectos gramaticais próprios –, fomentando o desenvolvimento conhecimento linguístico explícito. As situações interativas sempre exigem um contexto comunicativo e são nesses momentos que os alunos têm que usar a língua em um contexto próprio, que pede mais que o léxico.

Minhas referências sobre a escolha do tema desta dissertação para o Mestrado vêm desde a juventude, em que sempre tive certa inquietação acerca dos aspectos estruturais da língua de sinais. Como usuária e professora da língua, eu sempre observei a ocorrência de fenômenos que, talvez, passem despercebidos por outros falantes, mas, no íntimo, eu elaborava hipóteses sobre boa parte das conversas sinalizadas que eu tinha com amigos e pessoas próximas.

Um dos temas que mais me chama atenção é parte a expressão da polidez em Libras. Eu me recordo de situações em que surdos usam expressões que provavelmente pensam ser comuns, mas poderiam sugerir falta de polidez. Não significa apenas usar termos que revelam cortesia, como “bom dia” e “com licença”. A polidez vai além desse aspecto, pois é muito possível que, mesmo usando essas expressões sinalizadas, a disposição corporal, as expressões faciais e até o modo de articular as mãos na sinalização podem denotar o contrário. A troca de experiência com outros instrutores de Libras também me ajuda a perceber que o estudo dessa categoria em Libras é muito incipiente e merece destaque nas pesquisas linguísticas.

Atualmente, trabalho na Universidade Federal de Juiz de Fora, como professora da disciplina de Libras, sendo admitida após minha aprovação em concurso público. Acredito que, além de colaborar com estudos linguísticos em geral, e, especialmente, com os estudos linguísticos da língua de sinais, essa investigação pretende contribuir para o enriquecimento de novos campos de saberes sobre Libras, a partir de reflexões sobre os aspectos da polidez nas línguas de sinais.

RESUMO

Este estudo versa sobre a expressão da polidez na Língua de Sinais Brasileira (Libras ou LSB) e desenvolve-se pela análise de dados coletados em comunidade surda usuária de Libras. Assim como em qualquer língua, nas línguas de sinais há o uso de diferentes registros e “graus” de polidez. O objetivo geral do estudo é analisar os elementos linguísticos utilizados como recursos na expressão gramatical da polidez em Libras, tomando como ponto de partida o trabalho pioneiro de Brown e Levinson (1987 [1978]) e um capítulo que Ferreira Brito (1995) desenvolve sobre esse assunto. Como se trata de um tema que está na interface entre a gramática e o discurso, a abordagem teórica leva em conta categorias de análise de base funcionalista, mas trabalha, também, com pressupostos da gramática gerativa, quanto à existência de uma faculdade da linguagem e de mecanismos gramaticais universais para a expressão do pensamento. O caminho metodológico adotado para esta pesquisa baseia-se em coleta de dados, por meio de filmagens em vídeo e de entrevistas, a fim de comparar os diferentes mecanismos gramaticais utilizados pelos surdos sinalizantes de Libras e analisar esses mecanismos com base no referencial teórico adotado. A análise dos dados permitiu identificar que os surdos participantes da pesquisa relacionam os registros formais e informais com o comportamento mais (ou menos) polido dos interlocutores, sendo a estrutura diretiva a preferida tanto em situações formais quanto em situações informais. Essa característica se revelou ser própria da Libras – confirmando-se a proposta de Ferreira Brito (1995) de que a familiaridade é um aspecto fundamental para a descrição da polidez nessa língua, e desafiando-se a teoria de Brown e Levinson (1987 [1978]) de que os atos de fala indiretos agregam elementos de polidez nas línguas em geral.

Palavras-chave: Libras ou LSB, polidez, gramática, discurso.

ABSTRACT

This research deals with the expression of politeness in Brazilian Sign Language (Libras or LSB) and is developed by the analysis of data produced by deaf people who are Libras' speakers. Just as in any language, in sign languages different registers and degrees of politeness are used. The general objective of this study is to analyze the linguistic elements used as resources in the grammatical expression of politeness in Libras, taking as a start point Brown e Levinson's (1987 [1978]) research and the chapter that Ferreira Brito (1995) developed on this subject. As this work deals with a theme that is at the interface between grammar and discourse, the theoretical approach takes into account categories of functionalist framework, but also the assumptions of generative grammar, about the existence of a language faculty and of universal grammatical mechanisms for the expression of thought. The methodological approach adopted for this research is based on data collected in order to compare the different grammatical mechanisms used by the deaf people and to analyze these mechanisms based on the adopted theoretical framework. The analysis allowed us to identify that the deaf participants relate formal and informal registers to the more (or less) polite behavior of the interlocutors, the directive structure being preferred in both formal and informal situations. This characteristic was considered to be proper of Libras – confirming the proposal of Ferreira Brito (1995) that familiarity is a fundamental aspect for the description of politeness in this language, and challenging the theory of Brown and Levinson (1987 [1978]) that the indirect speech acts generally show elements of politeness in the languages.

Keywords: Libras or LSB, politeness, grammar, discourse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1.....	22
REFERENCIAL TEÓRICO	22
1.1 OS PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA TEORIA GERATIVA.....	22
1.2 ABORDAGEM FUNCIONALISTA SOBRE A POLIDEZ	25
1.3 ASPECTOS DA POLIDEZ NA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA.....	28
1.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO	31
CAPÍTULO 2.....	32
ASPECTOS GRAMATICAIS DE LIBRAS E SUA RELAÇÃO COM A POLIDEZ	32
2.1 ASPECTOS MORFOFONOLÓGICOS DE LIBRAS.....	33
2.2 ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LIBRAS	42
2.3 (IM)POLIDEZ: INTERFACE ENTRE GRAMÁTICA E PRAGMÁTICA.....	46
2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO	50
CAPÍTULO 3.....	51
METODOLOGIA DA PESQUISA	51
3.1 O MÉTODO UTILIZADO NA PESQUISA	51
3.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS DA PESQUISA	52
3.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO	55
CAPÍTULO 4.....	57
ANÁLISE DOS DADOS.....	57
4.1 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	57
4.2 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS VÍDEOS	66
4.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	78
ANEXO I.....	81
ANEXO II	84

INTRODUÇÃO

Sabemos que ainda são poucos os estudos a respeito das línguas de sinais (LS) em seus aspectos de polidez, havendo a necessidade da ampliação de pesquisas no que se refere a essa temática, a qual se configura como uma dimensão presente na Língua de Sinais Brasileira (Libras ou LSB).¹

O conceito de polidez, muitas vezes, se associa aos graus de formalidade das interações comunicativas, que remetem ao uso da norma culta. Trata-se de registros orais, sinalizados ou escritos que denotem vocabulário sofisticado e o uso de uma variedade privilegiada em detrimento de outras. É uma escolha política e social que representa todos os falantes de uma língua, ainda que alguns não façam o uso dessa variedade (MCCLEARY e VIOTTI, 2009).²

Ser informal significa, conforme o dicionário Houaiss (2007), agir com descontração e sem cerimônia. Informalidade não pressupõe a padronização de expressões estéticas na fala, pois ela é a própria manifestação despreziosa e espontânea da língua. Logo, essa modalidade está sujeita a variações regionais e aos desvios da norma culta.

A polidez, por sua vez, é um comportamento situacional usado para demonstrar gentileza, cortesia e educação. No entanto, a polidez é acima de tudo uma questão atitudinal, uma escolha. Nessa concepção, é possível que um sujeito interagente sem escolaridade demonstre mais polidez que outro sujeito acumulado em experiência acadêmica. É nítido que um vocabulário diversificado e baseado na norma culta facilita o uso de termos que demonstrem polidez, mas o que se pretende esboçar é que se trata de diferentes manifestações.

Para compreender os aspectos de polidez em Libras, é preciso estar atento às possibilidades e habilidades linguísticas da surdez, e, especificamente, ao que é mais usual e ao que não é usual em Libras. O ser humano possui habilidades que proporcionam condições aplicáveis às línguas orais e viso-espaciais, que podem ser estruturadas a partir de elementos gramaticais (BENTO, 2010). Em alguns ambientes

¹ Nesta pesquisa utilizamos a abreviação Libras por se tratar de um tema mais relacionado à língua em uso. A sigla LSB, utilizada em outros trabalhos por estar de acordo com a Classificação Internacional das Línguas de Sinais, tem sido mais empregada em trabalhos que consideram a gramática da língua *stricto sensu*.

² Optamos, nesta pesquisa, por manter a dicotomia formal/informal, ao lado de polidez/impolidez, quando nos referirmos aos contextos de uso da língua, uma vez que esses termos se mostraram mais acessíveis aos surdos e é nosso objetivo que o trabalho possa estar acessível para esse público também. Estamos cientes, entretanto, de que não há uma relação necessária, categórica e direta entre polidez/impolidez e contextos formais/informais.

linguísticos, é possível a comunicação fluir de maneira natural, não existindo, nesses momentos, cobranças ou normas.

Assim como em português, também encontramos em Libras algumas situações em que a interação comunicativa deve se dar de maneira polida, mais formal, e outras em que essa interação pode dispensar certos aspectos de formalidade, podendo ser considerada menos polida ou, até mesmo, impolida. Por hipótese, podemos supor, como ilustração, que os sinais abaixo são exemplos de articulação em contextos formais (que exigem maior grau de polidez) ou informais (que exigem menor grau de polidez), respectivamente:



Figura 1: Articulação dos sinais para as palavras 'verdade', 'estudar', 'saber'³

³ As figuras com representação semelhante a essas foram produzidas especialmente para este trabalho. Agradecemos ao ilustrador Jacson Rafael (surdo) pelas imagens.

As imagens na figura 1 mostram que os três sinais podem sofrer variação quanto à configuração de mão (CM), o que pode, eventualmente, estar associado a contextos mais (ou menos) formais de interação. O primeiro sinal, VERDADE, possui CM em P para a mão ativa e conserva a CM 57 para a mão passiva na representação à esquerda, que nos parece mais formal, passando a figurar somente com a CM em P na representação à direita, em que a mão passiva não é utilizada (o que pode ser um indício de situação informal). O outro sinal, ESTUDAR, possui CM em M para a mão ativa e CM 57 para a mão passiva na representação à esquerda, passando somente à CM em M na representação à direita, em que a mão passiva também deixa de ser utilizada. Já o sinal SABER é realizado ao lado da testa na representação à esquerda e na bochecha na representação à direita, o que também pode estar relacionado, por hipótese, a contextos de formalidade ou informalidade, que requerem maior ou menor grau de polidez, respectivamente.

Para construir essa hipótese, consideramos que os sinais apresentados na representação à direita são informais porque não respeitam a realização de todos os parâmetros do uso padrão desses sinais, representados à esquerda, tomando como padrão os sinais tal como dicionarizados em Capovilla et al (2013). Embora essa hipótese possa ser encontrada em alguns trabalhos sobre Libras, o mais plausível é que se trate de variação morfofonológica da língua (um caso de alofonia ou alomorfia de parâmetros), que precisa ser melhor estudado e que não constitui o nosso objeto de estudo (apenas trazemos esses dados como ilustração de possibilidades de variação em contextos formais e informais, o que, como já dissemos anteriormente, não necessariamente correspondem a fenômenos de (im)polidez.

O objetivo geral deste trabalho é, portanto, identificar e analisar os elementos linguísticos como recursos na expressão gramatical da polidez em Libras, tomando como ponto de partida Brown e Levinson (1987 [1987]) e Ferreira Brito (1995).

Para tal investigação, a pesquisa foi desenvolvida por meio de uma metodologia exploratória, para coletar dados concretos e importantes.

A pesquisa exploratória é o primeiro passo de qualquer pesquisa, que acontece quando o tema escolhido é pouco explorado e o pesquisador precisa incorporar características inéditas e buscar novas abordagens. Ela é feita por meio de levantamento bibliográfico, entrevistas, análises de exemplos sobre o tema estudado (L. REIS, 2008, p.55).

Apesar de a história dos surdos remeter à vinda da família real para o Brasil, as referências sobre a Libras são ainda muito restritas; mesmo depois do reconhecimento da língua de sinais, ocorrido em 2002. O primeiro levantamento bibliográfico para essa pesquisa abarcou estudos já existentes sobre (in)formalidade e (im)polidez nas línguas orais – Brown e Levinson (1987 [1978]), Praça e Vicente (2010) e Albuquerque (2016), e em Libras – Castro Jr. (2011), Xavier (2011, 2014), Rodrigues e Valente (2012) e Ferreira Brito (1995). A partir daí, constatamos a escassez de trabalhos sobre esse tema em Libras. A variação entre os graus de polidez pode ser determinada por fatores diversos, como questões regionais, socioculturais, econômicas e até políticas, o que tem a ver com o uso social que é feito da língua.

Dessa forma, as variações entre os graus podem ser diversas se for considerado que o uso de uma expressão tida como polida, em determinada região, sob outra perspectiva pode ser um desvio de polidez grave. Logo, não se trata de estabelecer um comportamento linguístico que normatize o que se aproxima de polidez, mas de procurar investigar a relação entre o sujeito interagente e o uso de fala nesse espaço.

Além do respaldo teórico de profissionais linguistas que nortearam este estudo, também são utilizadas aqui, como material empírico, contribuições de usuários de Libras por meio de vídeos coletados para a pesquisa, que foram transcritos em língua portuguesa para fins deste estudo. Também foi utilizado material coletado em entrevistas realizadas com surdos participantes da pesquisa. Portanto, além da pesquisa exploratória, utilizamos também o método qualitativo, pois esse possibilita a observação sistemática, participativa, seja individual ou em equipe, com objetivos focalizados à realidade, além de possibilitar “interpretar e dar significados aos fenômenos analisados” (F. REIS, 2006, p. 57).

Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal (p. 47). Por isso se justifica a opção por acompanhar ações de atualização que impunha a presença in loco, no processo de recolha dos dados e no acompanhamento das situações que permitissem contatar todas as ocorrências (Bogdan e Biklen, 1994, *apud* RAMOS, 2010, p.103).

A metodologia empregada possibilitou coletar dados para embasar e fundamentar o assunto abordado, buscando apoio na pesquisa científica (estudos teóricos descritivos sobre o tema) e de campo (para evidenciar a estrutura gramatical, com o objetivo de investigar a polidez em Libras). Nesse sentido, a pesquisa

fundamentou-se em dois tipos de gravação: (i) entrevistas de caráter estruturado sobre os aspectos da polidez em Libras, aplicadas em abril de 2017 a um grupo de dez surdos, participantes da comunidade surda de diferentes regiões de Minas Gerais, São Paulo e Brasília; (ii) diálogos de tema livre, em ambiente natural, filmados em abril de 2017 com participantes surdos voluntários na pesquisa.

Os dados coletados passaram por análise, objetivando verificar os aspectos de polidez em Libras. Esse método permitiu percepções mais reais quanto à naturalidade do discurso entre os falantes, viabilizando maior consistência na elaboração da proposta deste trabalho.

Considerando as asserções acima, algumas questões se colocam como condições norteadoras, a saber:

- De que maneira pode-se verificar a categoria de polidez no discurso do usuário de Libras?
- Quais fatores interferem na identificação do discurso polido ou impolido do usuário de Libras?
- Quais aspectos de Libras permitem distinguir entre uma estrutura que apresenta polidez e outra que apresenta impolidez?

A hipótese inicial é de que a Libras apresenta variação de polidez e que essa variação pode ser manifestada através do uso de recursos gramaticais de Libras como a própria sintaxe da língua, o uso dos parâmetros formativos dos sinais (fonologia) e a pragmática dessa língua. No entanto, é preciso destacar que os graus de polidez são muito variáveis dependendo da relação interpessoal estabelecida entre os falantes da língua.

Esta pesquisa pretende contribuir para descrições e análises gramaticais e pragmáticas de Libras, a partir da investigação dos parâmetros que podem contribuir com a sinalização da polidez. Além disso, este estudo pretende favorecer análises futuras que possam descrever, a partir de dados, princípios da polidez e impolidez em Libras.⁴ Como já afirmamos, ainda há pouquíssimos trabalhos sobre a variação polidez na Libras, como o de Ferreira Brito (1995). Nesse sentido, a pesquisa traz avanços para os estudos linguísticos de Libras.

A dissertação está estruturada da seguinte forma: além desta Introdução, o Capítulo 1, que apresenta o embasamento teórico do trabalho, a saber, a gramática

⁴ A pragmática é a área da linguística que estuda o significado das expressões linguísticas em contextos de fala. A partir dela é possível imaginar as intenções do usuário da língua ao fazer o uso de determinada expressões (McCLEARY e VIOTTI, 2009).

gerativa e a abordagem funcionalista sobre a polidez; o Capítulo 2, que versa sobre os aspectos gramaticais (de natureza morfofonológica e morfossintática) da Libras e sua relação com a polidez; o Capítulo 3, que apresenta a metodologia da coleta de dados; o Capítulo 4, que traz a análise do material coletado em vídeo e em entrevistas; por fim, as Considerações Finais.

CAPÍTULO 1

REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, discutimos alguns pressupostos teóricos basilares do nosso trabalho, que combina aspectos fundamentais da teoria gerativa (apresentados na seção 1.1) com a abordagem funcionalista para os estudos sobre polidez, trabalho pioneiro de Brown e Levinson (1987 [1978]) (seção 1.2). Além disso, o capítulo apresenta, também, a descrição teórica que Ferreira Brito (1995) elabora sobre a polidez em língua de sinais brasileira (seção 1.3), encerrando-se com uma breve síntese do conteúdo (seção 1.4).

1.1 Os pressupostos básicos da teoria gerativa

Existem diversas formas de expressarmos uma mesma situação, conseguindo alcançar os mesmos resultados. Ao expor o que deseja, o falante possui disponível para si uma gama de possibilidades que lhe permitam atingir o receptor da maneira mais conveniente. Isso tudo só é possível devido ao grande número de combinações entre as palavras e sentenças que acabam por expressar sentidos diferentes ou iguais, dependendo do significado que o falante quer produzir.

A organização das palavras em sentenças e das sentenças entre si segue um conjunto de regras, que podem ser universais, no sentido de que se aplicam a todas as línguas (orais e de sinais), ou que podem variar tanto dentro de uma mesma língua como de uma língua para outra, dependendo das particularidades de cada uma.

Na perspectiva da Teoria Gerativa, tal como descreve Noam Chomsky no final da década de 50 (CHOMSKY, 1957, 1965), a língua passa a ser interpretada como um instrumento mental que produz, por meio de sentenças, as ideias e os pensamentos formados pelo homem, que é o único ser que possui a capacidade de combinar recursivamente palavras e frases para formar objetos linguísticos com significados próprios e independentes de contexto (embora sejam conhecidas algumas formas de comunicação entre animais, nenhuma delas tem essas características). Essa

capacidade específica do ser humano de estruturar e organizar as ideias por meio de objetos linguísticos é chamada de Faculdade da Linguagem (FL).

Assim como existem outras faculdades inerentes ao ser humano, a Faculdade da Linguagem é a que se refere especificamente à língua, permitindo aos falantes adquirir uma ou mais línguas. No estágio inicial da vida, os seres humanos são capazes de adquirir uma língua (ou mais) por meio da exposição aos dados dessa(s) línguas, que interagem com a Faculdade da Língua, a qual corresponde ao estado inicial de aquisição de língua, também denominado de Gramática Universal (GU), a qual se compõe de princípios (gerais e universais) e de parâmetros (específicos das línguas). Os princípios que regem o estágio inicial da GU são rígidos, invariáveis e universais, sendo válidos para todas as línguas, já os parâmetros da GU são variáveis e podem ser válidos para uma língua e para outra não.

Para exemplificar a rigidez dos princípios, utilizamos como exemplo a frase “O João disse que ele está viajando”, em que o pronome “ele” pode ser compreendido pelo receptor como sendo “O João” ou como sendo uma terceira pessoa, com referência no discurso. Tal fato não ocorre caso haja mudança na estrutura da frase, invertendo-se a ordem entre o pronome “ele” e o referente “O João”, como em “Ele disse que o João está viajando”. Nessa posição, o pronome “ele” só pode ser interpretado como uma terceira pessoa, com referência no discurso, o que demonstra que a interpretação dos constituintes nas frases está fortemente restringida por princípios abstratos, que regem as possibilidades de relação entre forma e significado.

Já com relação aos parâmetros, é possível perceber que algumas línguas, como no português, admitem a supressão do sujeito em frases simples sem que haja perda do sentido (por exemplo, em “Eles já chegaram do trabalho/ “Já chegaram do trabalho”). Esse fato não ocorre em outras línguas, como no inglês, em que a manifestação do sujeito é obrigatória e sua ausência produz agramaticalidade (por exemplo, em “*They already arrived from work / *Already arrived from work*”).

A aquisição de uma língua se dá, então, pela interação entre essa faculdade inata da linguagem (que corresponde à GU e seus princípios e parâmetros) e a exposição aos dados linguísticos (chamados *input*), que são indispensáveis para o desenvolvimento de uma língua particular. Se não formos expostos a um *input* adequado, a aquisição pode sofrer problemas, como no caso de uma pessoa surda, que não é exposta, desde a primeira infância, à língua de sinais – a deficiência auditiva a impede de receber o *input* adequado da língua portuguesa (oral) e, por causa disso, o processo de aquisição pode se dar tardiamente e de forma imperfeita.

O processo de aquisição passa por várias fases, desde o estado inicial até o seu estado final. Nesse processo, a tarefa da criança consiste em selecionar a

gramática da(s) língua(s) particular(es) a que está sendo exposta, identificando a estrutura das frases bem formadas. Assim, um falante de português é capaz de perceber que a frase “Os rapazes foram meus alunos” é bem formada (gramatical), enquanto “Rapazes alunos foram os meus” é mal formada (agramatical). A esse conhecimento internalizado da língua particular denominamos competência e à habilidade dos falantes de organizarem esse conhecimento em forma de sentenças para expressar o pensamento no dia a dia denominamos desempenho.

A nossa competência linguística consiste em formar sentenças que possam ser interpretadas adequadamente pelos componentes semântico (Forma Lógica) e fonológico (Forma Fonética) da gramática (CHOMSKY, 1981, 1995). Parte desse desafio está em construir sentenças que obedecem aos princípios e parâmetros da língua, entre os quais está o da ordem e o da estrutura hierárquica dos constituintes, que, embora se articulem linearmente, possuem diferentes níveis de dominância na frase.

Os constituintes são grupos que fazem parte de uma sequência de itens lexicais que tem uma função sintática e que possui nexos semântico entre si. Como forma de exemplificar, temos a frase “O quarto de Davi é verde e amarelo”, em que imediatamente percebemos que “o quarto de Davi” forma um constituinte, com função de sujeito do predicado “é verde e amarelo” e com referência determinada. Já a sequência “Davi é verde” não pode ser identificada como um constituinte, visto que não produz o sentido que o falante quer dar à frase.

Também faz parte do nosso conhecimento linguístico internalizado saber que algumas classes de palavras estão sujeitas determinados tipos de flexão, como é o caso dos nomes, que podem variar em gênero e número, e dos verbos, que variam em tempo, modo, número e pessoa. As palavras (itens lexicais) fornecem as propriedades abstratas básicas, chamadas traços (semânticos, fonológicos e formais ou morfossintáticos), a partir dos quais formamos os constituintes, que, por sua vez, se organizam hierarquicamente para formar as sentenças.

Nesse contexto teórico, pressupomos que os diferentes usos que os falantes fazem dos itens lexicais organizados em sentenças nas situações formais e informais, que correspondem a graus de (im)polidez também estão restringidos pelos princípios e parâmetros da língua particular, não sendo possível inovar nesse sentido. Cabe ao falante identificar as possibilidades combinatórias das propriedades abstratas básicas dos itens lexicais e demais elementos linguísticos das sentenças para organizá-los adequadamente à situação de fala.

1.2 Abordagem funcionalista sobre a polidez

Diante da falta de estudos sobre polidez em Libras, este trabalho apresenta uma proposta de análise gramatical da língua, com foco nos discursos entre os surdos brasileiros, falantes de Libras, procurando registros de diferentes graus de polidez em Libras, partindo do pressuposto de que os surdos se comunicam em diferentes níveis de linguagem, da coloquial à formal. Sendo este um estudo que contempla, portanto, elementos da gramática e do discurso voltados para a Libras, a abordagem funcionalista oferece categorias de análise adequadas aos nossos objetivos, compondo com os pressupostos cognitivistas da gramática gerativa o nosso referencial teórico.

Para subsidiar as análises deste trabalho, foi adotada a teoria da polidez proposta por Brown e Levinson (1978) e reeditada pelos autores em (1987).⁵ Para os autores, o conceito de Face, como a autoimagem do sujeito que interage é de fundamental importância, e deriva da noção Face proposta por Goffman (1967). Para Brown e Levinson (1987, p. 61), o conceito de Face baseia-se em dois pressupostos básicos, sendo o primeiro que todos os sujeitos interagentes têm uma Face, isto é, uma autoimagem pública e que cada um quer reivindicar por si mesmo. A Face pode ser positiva e negativa e estão relacionadas entre si:

- (i) Face positiva: é relativa à autoimagem do sujeito ou à personalidade. Representa o desejo de ser aprovado por outros, ser bem aceito;
- (ii) Face negativa: é relativa à autopreservação. É ter as ações e pensamentos sem impedimentos de outros. Representa o desejo de preservar o território, de preservação pessoal, isto é, de liberdade de ação e liberdade de imposição.

O segundo pressuposto é que os sujeitos de uma interação, em geral, têm habilidades racionais para conseguir atingir seus objetivos. Esses sujeitos agem com racionalidade, aceitam sua vulnerabilidade e estão preparados para cooperar com outros, bem como para deliberadamente atingir seus objetivos. As noções de Face e Racionalidade são componentes das Pessoas-Modelo, sujeitos da interação, que sabem usar estratégias a fim de evitar ameaças à Face. Brown e Levinson dividem as Pessoas-Modelo em: Falante (F) e Ouvinte, Destinatário ou Interlocutor (D).

Toda interação constitui-se de atos que, inerentemente, ameaçam a Face – positiva ou negativa, a do falante ou a do destinatário. Por ato, entende-se qualquer

⁵ Esse trabalho dos autores é utilizado por Ferreira Brito (1995) na sua análise sobre atos de fala em Libras.

ação que se deseja realizar por meio de interações verbais ou não-verbais. Por sua vez, Ato Ameaçador da Face (AAF), é aquele que vai contra as necessidades ou exigências da Face do falante ou do destinatário. Porém, cabe ressaltar que toda interação se caracteriza como uma atividade cooperativa firmada entre dois interlocutores e, se um ato ameaça a Face do destinatário, pode, virtualmente, também ameaçar a Face do falante.

A polidez, de acordo com Brown e Levinson, está assentada basicamente nos Atos Ameaçadores da Face (AAF), visto que em toda interação a Face dos sujeitos está constantemente ameaçada. Assim os sujeitos empregam estratégias de polidez para “salvar a face”, ou seja, utilizam estratégias que minimizam as ameaças. A expressão “salvar a face” envolve as necessidades dos sujeitos envolvidos em uma determinada interação, e não a interação em si ou das normas que operam na sociedade. Face é “algo que é investido emocionalmente, e pode ser perdido, mantido ou aprimorado e deve ser atendido constantemente na interação” (Brown e Levinson, 1987, p. 66).

Ao discutir estratégias de polidez, Brown e Levinson as diferenciam em algumas categorias, a saber: *Bald-on record strategy* ou estratégia marcada direta; estratégia de polidez positiva; estratégia de polidez negativa. *Bald-on record strategy*, aqui traduzida livremente como estratégia diretiva, descreve uma ação direta. É uma maneira impositiva de dizer algo de forma inequívoca, direta, como, por exemplo, em:

- (1)Corra Pedro!
- (2)Me entregue o trabalho até quinta-feira.
- (3)Vá dormir agora, Bê!

Esse tipo de estratégia é aceitável em situações em que o falante e o destinatário deliberadamente neutralizam a Face, apoiando-se nos interesses de urgência ou eficiência, ou onde não há risco para que a Face do destinatário seja afetada (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 69).

A estratégia de polidez positiva é uma ação direcionada à Face positiva do destinatário. São estratégias que favorecem a Face positiva do destinatário, demonstrando que o desejo que ele tem de ser aceito pelo interlocutor foi realizado. Essa estratégia geralmente é vista em grupos de amigos, ou onde pessoas de determinada classe social se conhecem bem. Por sua vez, as realizações linguísticas da polidez positiva são, em muitos aspectos, simplesmente representativas do comportamento linguístico normal entre os próximos, onde o interesse e a aprovação uns dos outros indicam desejos e conhecimentos compartilhados, reivindicações

implícitas de reciprocidade de obrigações ou reflexividade de desejos. Os exemplos a seguir, ilustram esse tipo de estratégia de polidez:

(4) Menina, você deve estar cansada e com sono. Duas da matina e você aqui dando o maior duro.... acha de a gente tomar um chá e irmos dormir;

(5)A: – Que tal esse biquíni? Ficou bem em mim?

B: – Ficou, mas gosto mais do preto.

As estratégias de polidez negativa são atos que visam minimizar ou anular os efeitos de uma imposição. São usados a fim de evitar ou diminuir um potencial dano à Face negativa do destinatário, mantendo, assim, seu território. No arcabouço das estratégias de polidez negativa destacam-se os pedidos de desculpas, a indicação de pistas do que se quer pedir ou comunicar, o uso de estruturas passivas, a marcação de deferência linguística, em outras. Ao utilizar esta estratégia de polidez, o falante mostra-se atencioso, sensível e não coercitivo, evitando assim prováveis interpretações errôneas que poderiam ameaçar a Face do destinatário, como ilustrado a seguir:

(6) Eliane, eu sei que você está ocupada, mas será que você poderia me dar uma mãozinha....

(7) Vamos estudar todos os dias até a prova, não vamos? (uma mãe dirigindo-se ao filho que não queria estudar).

(8) Me contaram que ela saiu de casa.

(9) Só Deus na causa, nunca terei condições de te agradecer.

Além disso, Brown e Levinson afirmam que a polidez negativa é o ponto nevrálgico do comportamento respectivo entre os sujeitos falantes e seus destinatários, assim como a polidez positiva é o cerne do comportamento familiar e da brincadeira. A polidez negativa, por sua vez, corresponde ao não enfrentamento entre os sujeitos da interação, lugar em que ocorre a evasão de conflitos. A polidez negativa é o conjunto mais elaborado e mais convencional de estratégias linguísticas para a reparação da AAF, apesar de a polidez positiva ter o seu lugar de atenção na teoria. Além disso, segundo Brown e Levinson, o emprego da polidez negativa, em todas as suas formas, em geral indica distanciamento social. Portanto, as estratégias de polidez negativa são usadas sempre que um falante quiser colocar ou manter um distanciamento social no curso da interação.

Brown e Levinson (1987) atestam que as escolhas de estratégias de polidez e de como são realizadas estão intimamente vinculadas a três funções, a saber: (i) o

grau de gravidade dos AAF; (ii) o distanciamento social entre os sujeitos interlocutores; (iii) a relação de poder entre o falante e o destinatário.

Embora a teoria da polidez de Brown e Levinson tenha recebido muitas críticas, especialmente no que se refere ao universalismo de sua proposta, os autores argumentam que a noção de Face pode ser entendida de diferentes maneiras, variando de cultura para cultura. Entretanto, o reconhecimento mútuo dos membros de uma determinada comunidade, a autoimagem pública, bem como a necessidade de auto-orientação social nas interações são considerados universais.

1.3 Aspectos da polidez na Língua de Sinais Brasileira

Ferreira Brito (1995) é um dos raros trabalhos que apresenta um capítulo sobre polidez em Libras, estudando, a partir do trabalho de Brown e Levinson (1987 [1978]) as estratégias de interação social nessa língua.

Comparando a Libras e sua modalidade com as línguas orais, percebemos que os elementos de estrutura gramatical dessas línguas demonstram diferenças de polidez entre elas. Dessa forma, enquanto algumas expressões são consideradas mais polidas nas línguas orais, nas línguas de sinais a ausência de vocativos e outras expressões com referência de polidez e o fato de que a dêixis pode se dar por apontamentos, por exemplo, podem ser consideradas impolidas. Além disso, em Libras as expressões faciais fazem parte da estrutura gramatical da língua, sendo outro fator utilizado para enfatizar e produzir pedidos, bem como para abrandar ou construir uma sentença imperativa. Outro aspecto percebido é a forma de sinalização, com movimentos mais curtos e rápidos ou menos curtos e rápidos, para mostrar polidez ou familiaridade entre os interlocutores no ato da fala (FERREIRA BRITO, 1995).

Aqui estão alguns exemplos utilizados por Ferreira Brito (1995, p. 181-184) para exemplificar as estratégias de (im)polidez na formulação de pedidos em Libras, em que, devido às restrições da modalidade, isto é, ao fato de os pedidos serem feitos em uma língua visoespacial, observam-se as seguintes especificidades:

- a) ausência de nomes próprios e de outras expressões como “papai”, “mamãe”, “benzinho”, etc. Vocativos usados como estratégia de polidez positiva em diversas línguas orais, incluindo o português. O exemplo a seguir ilustra o efeito do parâmetro intimidade na interação entre um ex-estudante e um professor:

(10) A: OK? LEMBRAR? EU ESTUDAR AQUI. BOM EMPREGO QUASE ARRANJAR.

‘Ok? Você se lembra de mim? Eu estudei aqui. Eu estou quase arranjando um bom emprego.’

B: POR FAVOR, AJUDAR, PAPEL PEGAR.

‘Por favor, ajuda-me a escrever uma carta para que leve [ao banco]’.⁶

Nesse exemplo, uma pessoa identifica um motivo e usa uma forma de polidez (convencional) – POR FAVOR – para pedir ajuda. Usa, também, uma forma imperativa – AJUDAR – como estratégia para persuadir o outro a escrever uma carta de recomendação para o banco onde tenciona obter emprego. Percebemos traços de polidez, visto que, até chegar ao assunto de interesse (o pedido da carta), existe uma introdução ao tema, o que traz intimidade para a interação até o ponto chave do diálogo.

- b) o uso frequente da dêixis (pronomes pessoais e demonstrativos). Apontar para uma pessoa é um ato que opera pelo menos duas funções: referir-se ou identificar (pronome) ou chamar a atenção. Segundo a autora, nessa última função, a dêixis serve como vocativo na concepção tradicional do termo, e não uma forma de polidez, tendo sido a única forma encontrada nos dados que ela coletou. Apontar para uma segunda ou terceira pessoa que não esteja numa conversação, atitude que em vários contextos seria considerado rude em português, não é considerado grosseiro pelos usuários de Libras. Entretanto, há restrições, pois não é polido o uso da dêixis em Libras quando não há intimidade entre o falante e a pessoa referida (nesse caso, o apontamento é descortês).
- c) o uso de expressões faciais para pedido simultâneo à enunciação é uma estratégia tipicamente usada em Libras para abrandar a força ilocucionária dos atos diretivos, exercendo função semelhante à entonação no português. A expressão facial é usada, por exemplo, para atenuar uma determinada situação. Uma expressão corporal ou facial mais branda ou mais intensa pode indicar polidez ou não.

⁶ As traduções dos exemplos estão dadas, nesta seção, com base no texto de Ferreira Brito (1995), que identificou os contextos de interação na análise. Não nos responsabilizamos por informações que não possam ser compreendidas diretamente das sentenças em Libras, pois, no trabalho, a autora não disponibiliza gravações ou outra forma de acesso aos dados.

d) alterações no parâmetro movimento. Quanto mais polido o emissor pretende ser, mais curto e delicado é o movimento dos sinais no enunciado que expressa o pedido. O movimento muda conforme a intensidade com que o interlocutor fala e isso pode apresentar traços de polidez ou impolidez.

Ferreira Brito (1995) exemplifica o fenômeno da (im)polidez em LSB por meio das construções modais, conforme explicitamos abaixo:

(i) Possibilidade:

(1) SE VOCÊ QUER EU DIRIGIR PODER. (Eu posso dirigir se você quiser.)

(2) JUNT@ VOCÊ EU PODER. (Eu poderia ir contigo.)

(ii) Habilidade ou permissão:

(3) EU IR CINEMA, PODER. (Eu posso ir ao cinema.)

(4) 5 PIZZAS, COMER CONSEGUIR. (Eu consigo comer 5 pizzas.)

(5) INGLÊS, FALAR CONSEGUIR. (Eu consigo falar inglês.)

(iii) Pedir permissão:

(6) DAR-ME NÚMERO, PODER? (Posso ter o seu número?)

(7) HOJE ANTES EMBORA CASA, PODER? (Posso ir para casa mais cedo hoje?)

(iv) Obrigação:

(8) PRECISAR IR TRABALHAR. (Devo ir para o trabalho.)

(9) ELE LOUCO. (Ele deve ser louco.)

(v) Intenção:

(10) FÉRIAS, VAMOS VIAJAR FRANÇA. (Iremos para a França de férias.)

(11) CHÁ, BEBER VOU. (Eu beberei um chá.)

(vi) Recomendação ou conselho:

(12) MUIT@ FRUTAS, VOCÊ COMER PRECISAR. (Você deveria comer mais frutas.)

(13) DORMIR CEDO PRECISAR. (Eu deveria ir para a cama mais cedo.)

Ferreira Brito (1995) considera que, por ser a língua brasileira de sinais o código utilizado pelos surdos no Brasil para se expressarem e interagirem com o mundo onde vivem, eles formam uma minoria linguística, reunindo-se em associações,

competições esportivas, entre outros eventos que oportunizam a conversação e a familiaridade entre eles. Por essa razão, segundo a autora, a distância social é reduzida e o poder e a intimidade tornam-se fatores fundamentais na relação entre eles, determinando a forma de comunicação e a polidez nesses grupos e subgrupos da comunidade surda no Brasil.

1.4 Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico desta pesquisa, o qual se insere na perspectiva dos pressupostos gerativistas quanto à relação entre cognição e codificação gramatical e das abordagens funcionalistas que implementam categorias de análise para o estudo da polidez nas línguas. Essas categorias contribuem para a análise desse fenômeno gramatical em Língua de Sinais Brasileira, que é o tema deste trabalho.

CAPÍTULO 2

ASPECTOS GRAMATICAIS DE LIBRAS E SUA RELAÇÃO COM A POLIDEZ

Desde o seu surgimento, a linguística se ocupa do estudo de línguas orais. As teorias, análises e descrições por ela fornecidas são resultados da observação de línguas orais. Apenas a partir de 1960, com o trabalho de William Stokoe sobre a língua de sinais americana (ASL), os estudos linguísticos voltaram seu olhar para as línguas visuais, partindo do pressuposto de que, independentemente da modalidade de recepção e de produção dos objetos linguísticos, qualquer língua possui as mesmas condições de expressar o pensamento, explicitar conceitos complexos e permitir a interação entre usuários.

O reconhecimento da língua de sinais brasileira – Libras – como meio de comunicação e de instrução da comunidade surda no Brasil se deu principalmente após o surgimento de leis e decretos que visam à inclusão do surdo na sociedade, dentre eles a Lei nº 10.436/02 e o decreto 5.626/05, que regulamenta essa lei. Esse reconhecimento se fundamenta no fato de que as línguas de sinais não são mais consideradas gestualizações das línguas orais, mas, sim, línguas autônomas e independentes, com uma estrutura gramatical completa, e não meramente sistemas de comunicação baseados nas línguas orais das comunidades ouvintes às quais estão associadas.⁷

Quadros e Karnopp (2004) apresentam uma série de elementos que caracterizam a Libras como uma língua, os quais compõem os níveis de análise gramatical, a saber: morfologia, sintaxe, fonologia, semântica e pragmática. Neste capítulo, tratamos da gramática de Libras, dividida entre os aspectos morfofonológicos (seção 2.1) e os aspectos morfosintáticos (seção 2.2). Em seguida (seção 2.3), fazemos uma relação desses aspectos com a pragmática da língua, uma vez que o

⁷ A Libras não é a simples gestualização da língua portuguesa, mas uma língua particular, com gramática e léxico próprios, o que se comprova pelo fato de que, em Portugal, por exemplo, usa-se uma língua de sinais diferente, a língua gestual portuguesa. Segundo Carvalho (2007), a Libras sucede da mistura de uma língua de sinais autóctone (do próprio Brasil) com a língua gestual francesa, sendo os sinais utilizados no Brasil semelhantes aos de outras línguas de sinais da Europa e da América.

tema da polidez relaciona esses dois níveis linguísticos. Encerramos o capítulo com uma síntese (seção 2.4).

2.1 Aspectos morfofonológicos de Libras⁸

Uma língua é composta por signos linguísticos, unidades de significação que possuem um significado, um conceito, e um significante, que é a representação mental do significado (SAUSSURE, 1969). O significante está associado a um conjunto de sons (no caso das línguas orais) ou a um conjunto de elementos visuais (no caso das línguas de sinais). Nesse sentido, na fase de alfabetização em Libras de uma criança surda, por exemplo, ensina-se o sinal mostrando-se uma imagem, para que ela possa identificar o significado desse sinal, e desse conceito surge para ela o significante, que é a relação dessa imagem já conhecida com o sinal articulado.

Viotti (2008, p.19) define língua, a partir de Saussure, como:

um sistema estruturado de elementos, que se define por sua relação com esses elementos; esses elementos, por sua vez, se definem por sua relação com o sistema e por sua relação com os demais elementos que compõem o sistema.

Uma língua é composta, portanto, por um conjunto de signos e por um conjunto de regras gramaticais, que permitem a expressão do pensamento e a interação entre os membros de uma comunidade linguística.

Stokoe (1960) demonstrou, em seus estudos sobre a língua de sinais americana (ASL), que as línguas de sinais possuem as mesmas propriedades das línguas orais, mas apresentam natureza visual e gestual e utilizam o espaço para a articulação dos elementos mínimos articulados que formam os itens do léxico e os enunciados.⁹

Ao longo dos estudos sobre línguas de sinais, estabeleceram-se cinco parâmetros que formam o sinal: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação/direcionalidade (OR) e expressão não-manual (ENM). Os

⁸ Stokoe propôs a nomenclatura “quirema” correspondente a “fonema”, ou seja, unidade básica de formação de um signo (palavra/sinal), formando a terminologia “quirolgia” em substituição a “fonologia”, pois trata-se do uso das mãos e não do som. Nos estudos atuais sobre língua de sinais, entretanto, tem sido utilizada a terminologia “fonologia”, como forma de sinonímia às línguas orais, por todas serem línguas naturais.

⁹ Os estudos de Stokoe deram início a outras pesquisas que floresceram nos Estados Unidos e na Europa.

três primeiros foram determinados por Stokoe et al (1965), o quarto por Battison (1974) e o quinto por Baker (1983) e Liddell (1984).

A articulação de um sinal deve respeitar os parâmetros da língua. Quando um desses parâmetros muda, temos um sinal novo, formando um par mínimo. Em Libras, podemos listar pares mínimos em relação às configurações de mão, ou à locação, ou ao movimento, em que apenas a mudança de um desses elementos, em contraste com os demais elementos idênticos, identifica o seu valor peculiar na língua. Um exemplo de par mínimo são os sinais FAMÍLIA e REUNIÃO, abaixo, no qual observamos a mesma locação e o mesmo movimento, mas configurações de mão diferentes.

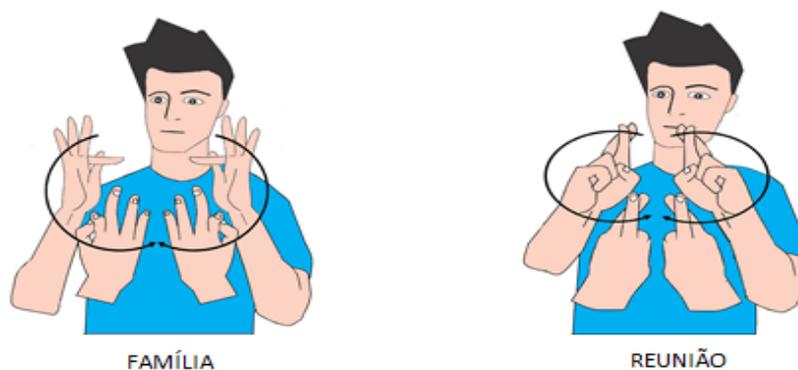


Figura 2: Par mínimo em Libras

Quadros e Karnopp (2004, p. 47) afirmam que, nas línguas de sinais, primeiramente, a fonologia determina quais são as unidades mínimas que formam os sinais e, posteriormente, estabelece as possibilidades de padrões de combinação entre essas unidades e as transformações possíveis no ambiente fonológico. Na sequência, apresentamos, com base nos trabalhos de Ferreira Brito (1995), Pimenta e Quadros (2006) e Faria-Nascimento (2009), os cinco parâmetros fonológicos de Libras.

a) Configuração de Mãos (CM)

As configurações de mãos de Libras estão associadas ao alfabeto manual, utilizado na datilografia das palavras que não possuem sinais. Entretanto, nem todas as configurações de mãos utilizadas na formação dos sinais estão contidas no alfabeto manual. Ferreira Brito (1995, p. 41) identifica 46 configurações de mãos, que estão representadas na figura 3:

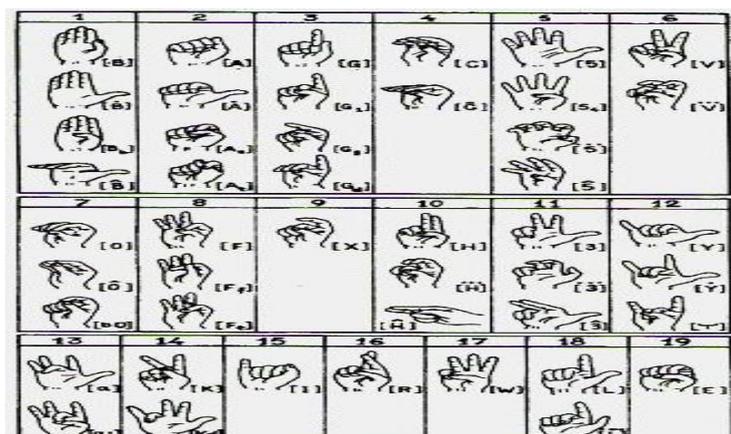


Figura 3: Configurações de mãos segundo Ferreira Brito (1995)

Já Pimenta e Quadros (2006, p. 61) identificam 61 CMs em Libras, conforme apresentado na figura 4:



Figura 4: Configurações de mãos segundo Pimenta e Quadros (2006)

Mais recentemente, Faria-Nascimento (2009, p. 37) apresenta uma tabela com 75 configurações de mãos:



Figura 5: Configurações de mãos segundo Faria-Nascimento (2009)

b) Ponto de Articulação (PA)

É o lugar onde a mão precisa estar no momento da sinalização, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro (fora do corpo), no sentido vertical ou horizontal (à frente do emissor).

O sinal ENSINAR é feito no espaço neutro, já o sinal TER necessita do ponto de articulação.

Espaço Neutro:



Espaço Tórax:

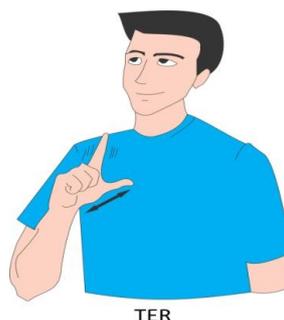


Figura 6: Espaço neutro e ponto de articulação

c) Movimento (M)

Em Libras, os sinais possuem movimento. O parâmetro fonológico Movimento é subdividido em tipos distintos:

- Movimento retilíneo



Sinal ENCONTRAR: Mão esquerda em D, palma para a direita; Mão direita em D, palma para a esquerda, atrás da mão esquerda. Movê-las uma em direção à outra, até que se toquem.

Figura 7: Sinal para ENCONTRAR

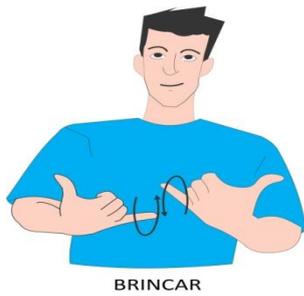
- Movimento Espiral



Sinal ETERNO (A): Mão direita em D horizontal, palma para baixo. Movê-la para frente e para baixo, com um movimento espiral.

Figura 8: Sinal para ETERNO

- Movimento circular



Sinal BRINCAR: Mãos em Y, palmas para dentro, inclinadas uma para a outra. Movê-las em pequenos círculos verticais alternados.

Figura 9: Sinal para BRINCAR

- Movimento semicircular



Sinal SURDO (A): Mão direita em 1, palma para a esquerda. Tocar a ponta do indicador na orelha direita, virar a palma para dentro, e tocar a ponta do indicador nos lábios.

Figura 10: Sinal para SURDO

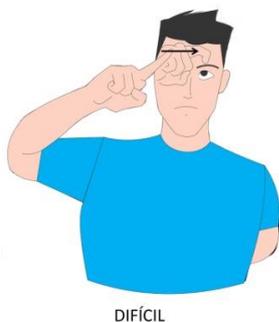
- Movimento sinuoso



Sinal "BRASIL": Mão direita em B, palma para a esquerda, diante da face. Movê-la para baixo com um movimento ondulatorio para os lados.

Figura 11: Sinal para BRASIL

- Movimento angular



Sinal DIFÍCIL: Mão direita em 1 horizontal, palma para baixo, indicador para a esquerda, lado do indicador tocando o lado direito da testa. Mover a mão para o lado esquerdo da testa, curvando e distendendo o indicador, com expressão facial contraída.

Figura 12: Sinal para DIFÍCIL

Alguns sinais, como PENSAR, AJOELHAR e EM-PÉ, não apresentam movimento:

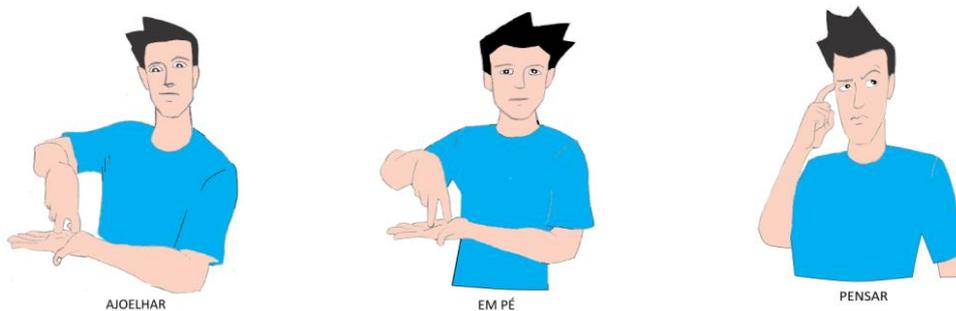
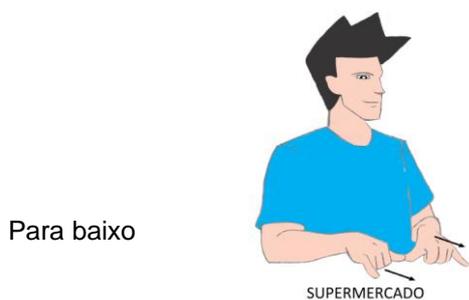
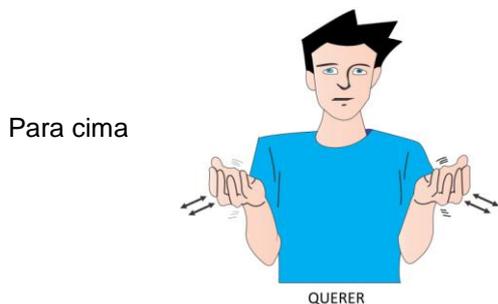


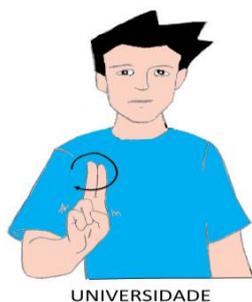
Figura 13: Sinais sem movimento

d) Orientação/ Direcionalidade (OR)

Os sinais têm de ser orientados a uma direção. O antônimo de um sinal pode ser representado pelo movimento oposto. Ferreira Brito (1995) e Marentette (1995, *apud* Quadros e Karnopp, 2004, p. 59-60) enumeram seis tipos de orientações da palma da mão nas línguas de sinais, a saber:



Para fora



Para a direita
ou a esquerda



Figura 14: Possibilidades de orientação da palma da mão

Sinais como BRASIL podem ser produzidos com a mão direita ou esquerda, dependendo de o sinalizante ser destro ou canhoto.

e) Expressão Não-Manual (ENM)

As expressões não-manuais (ENM), corporais e faciais, muitas vezes substituem os sinais, pois o corpo é capaz de falar mais que as mãos ou a fala. As ENMs fazem parte das unidades mínimas de Libras como marcadores não manuais. Assim como nas línguas orais a entonação de voz, ritmo, interjeições, entre outros, servem como formas de marcadores na comunicação, que podem ser verbais e não verbais, nas línguas de sinais, essas expressões têm esse papel fundamental, atuando como componente lexical. Esse parâmetro é utilizado simultaneamente na construção sintática de Libras, o que será tratado na seção 2.2 deste capítulo.

No nível lexical, as expressões não-manuais compõem o significado dos sinais, como no caso da palavra IDOSO (figura 15), em que a expressão facial remete ao sentido de pessoa velha, e dos sinais que denotam expressões emotivas (figura 16):

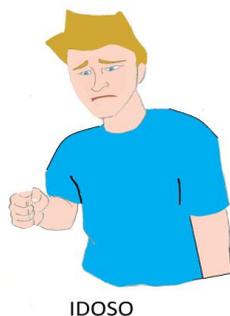


Figura 15: Sinal para IDOSO

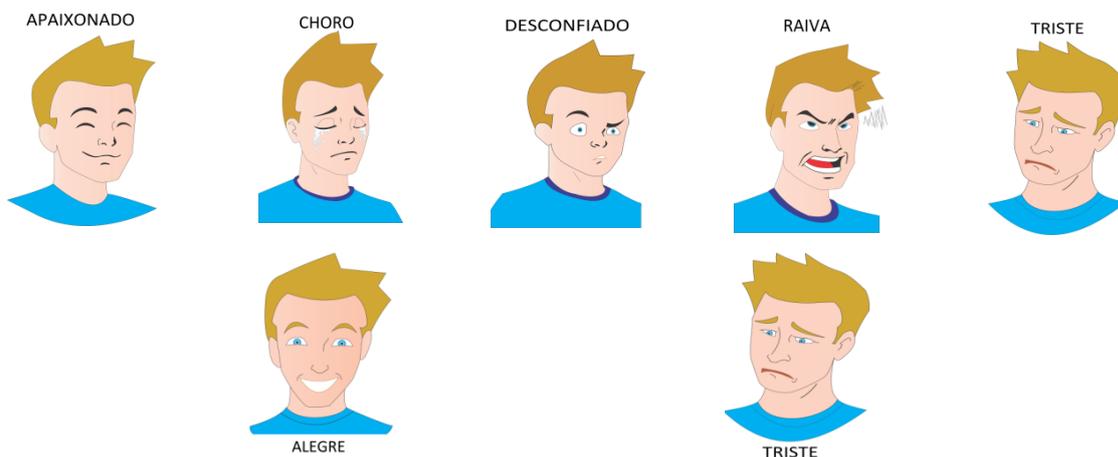


Figura 16: Sinais para expressões emotivas

Também há sinais que são feitos somente com a bochecha, como LADRÃO e ATO-SEXUAL (figura 17), outros que são feitos pela combinação da mão e da expressão facial, como BALA (figura 18), e, ainda, outros em que sons onomatopaicos e expressões faciais se agregam às ENMs, como HELICÓPTERO e MOTO (figura 19):

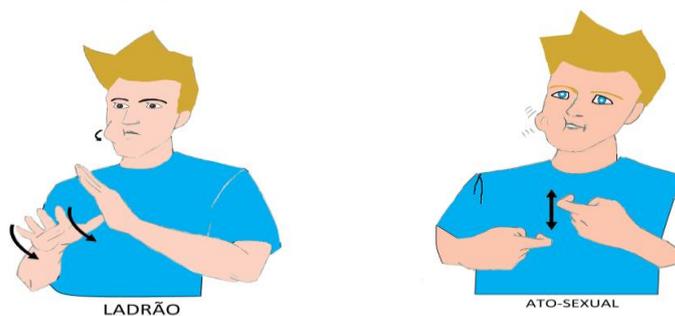


Figura 17: Sinais feitos com a bochecha



Figura 18: Sinal feito pela combinação de mão e expressão facial

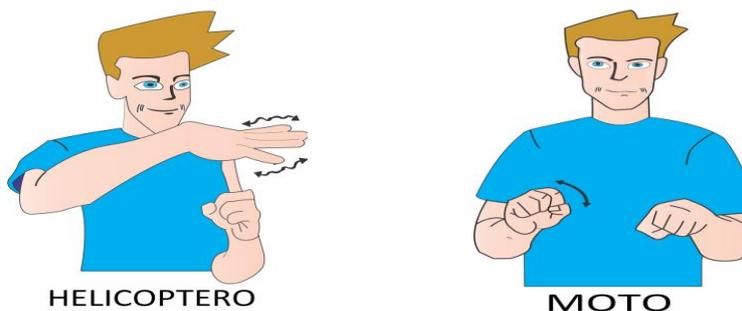


Figura 19: Sinal que combina sons e expressão facial

Como já foi mencionado, esses cinco parâmetros, combinados, formam um item lexical em Libras. De acordo com Quadros e Karnopp (2004, p. 87), “as línguas de sinais tem um léxico e um sistema de criação de novos sinais, em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas”.

No estudo morfológico de Libras, tanto no que se refere à classe de palavras/sinais e às categorias lexicais, podem ser identificadas as seguintes propriedades, tomadas como exemplos:

- a) quando se quer diferenciar o sexo entre pessoas ou animais, usa-se o sinal de homem e mulher;
- b) os adjetivos trazem como características a expressão facial e a intensificação do sinal;
- c) os pronomes são realizados em diferentes pontos no espaço, de forma que a articulação do sinal depende da pessoa a que se faz referência e do número:



Figura 20: Sinalização de pessoa

- d) em relação aos numerais, eles trazem como parâmetros de diferenciação a articulação dos números a configuração de mãos, o ponto de articulação e o movimento;
- e) a marcação de tempo verbal é realizada através de itens lexicais ou sinais adverbiais, de forma que, para referir-se a um tempo passado, futuro ou presente, pode-se usar sinais como ONTEM, AMANHÃ e HOJE, ou inclinar o corpo para indicar tempo:

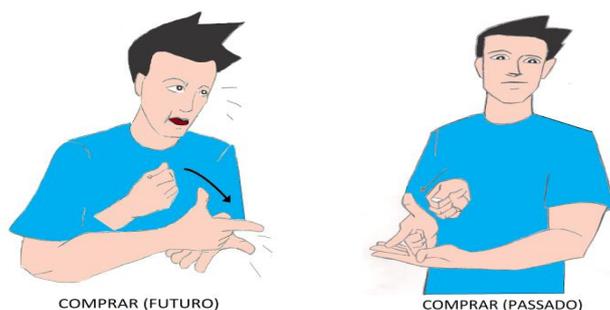


Figura 21: Marcação de tempo verbal

Um item lexical também pode ser formado pela composição de sinais, em que os itens lexicais (sinais), que são morfemas livres, se justapõem ou se aglutinam para formarem um novo item lexical. Segundo Taub (2001, p. 2-3):

um processo de justaposição na língua de sinais seria um caso no qual os dois sinais que formam o composto são realizados em sua totalidade, ou seja, os dois sinais são completamente sinalizados. Já em um processo de aglutinação, algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais seriam modificados ou não seria realizado.

Um exemplo de composição em Libras é o sinal IGREJA, em que se realizam dois sinais já existentes em Libras – CASA e CRUZ. Esses dois sinais são realizados em sua totalidade, um após o outro, formando então o terceiro item lexical IGREJA. O mesmo ocorre com o sinal ESCOLA, que é uma composição dos sinais de CASA e ESTUDO.

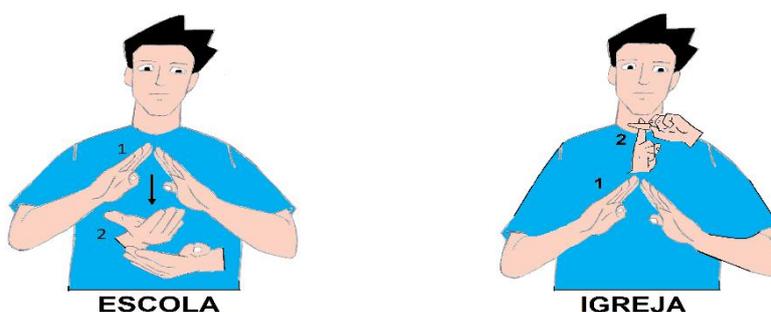


Figura 22: A composição para os sinais 'escola', 'igreja'

2.2 Aspectos morfossintáticos da Libras

Ao analisarmos uma frase em Libras, devemos lembrar que essa língua obedece a regras que diferem da língua portuguesa e que a produção da sentença se baseia na percepção visoespacial pela qual a pessoa surda processa as ideias. Diferente da língua oral, a sintaxe de Libras é estudada a partir da organização dos sinais no espaço e do uso de expressões não-manuais, como expressões faciais, movimentos de face, olhos, cabeça ou tronco.

Segundo Leite (2008, p.28), só a partir da década de 70 as línguas de sinais foram estudadas como possuidoras de estrutura frasal. Até então acreditava-se na hipótese de que as línguas de sinais possuíam ordem livre, uma vez que, nas sentenças, os verbos, o sujeito e o objeto apareciam em posições diferentes. Com o

passar do tempo, os pesquisadores notaram que, além dos sinais manuais, os surdos utilizavam sinais não-manuais e passaram a observar a relação entre a ordem dos constituintes na frase e o contexto do uso das expressões não manuais.

Quadros 2008 por Pinto et al (2008, p. 14), ao abordar esse tema, afirma que, apesar de as línguas de sinais possuírem uma variação na ordem dos constituintes na oração, a sequência sujeito (S) + verbo (V) + objeto/complemento (O) é mais utilizada e ocorre em contextos não marcados, sendo vista como padrão, mesmo que existam outras ordens possíveis para construir uma frase. Além disso, como se trata de uma língua visoespacial, em que os participantes de um evento são identificados no espaço de sinalização, pode ocorrer com certa frequência de eles serem omitidos da estrutura frasal. As imagens abaixo, que compõem uma gravação feita para uma pesquisa anterior, a qual não constitui o *corpus* desta pesquisa, é um exemplo dessas características.



Vídeo 1: Exemplo de estrutura frasal em Libras

(1)CASA ALUGUEL PAGAR SEMPRE

O V ADV

‘O aluguel da casa, [o pai] paga sempre.’

Esse dado, extraído do diálogo representado nas imagens, apresenta o objeto anteposto, o que caracteriza uma construção de topicalização, além de exemplificar um caso de elipse do sujeito “o pai”, recuperado na tradução para o português.

Em geral, a variação na ordem dos constituintes em Libras é marcada por expressões faciais, ou mais genericamente, por expressões não-manuais, as quais têm valor linguístico, ou seja, apresentam funções linguísticas próprias, identificando determinadas estruturas, tais como sentenças negativas, interrogativas, condicionais, construções com tópicos etc. Por exemplo, segundo Quadros (2008), a expressão

não-manual que marca a negação pode se dar por meio de dois expedientes: o primeiro, que é considerado facultativo e motivado por fatores discursivos, consiste em realizar o movimento com a cabeça de um lado para o outro; o segundo, que é obrigatório por ser motivado por questões sintáticas, consiste na utilização de expressões faciais, como a modificação do contorno da boca sempre associada ao abaixamento de sobrancelhas, conforme exemplificado a seguir:

- Negação pelo movimento com a cabeça (MC) se restringe ao sinal NÃO:

(2) IX <1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX <joão>a_{ef}
MC

‘Eu não encontrei o João’

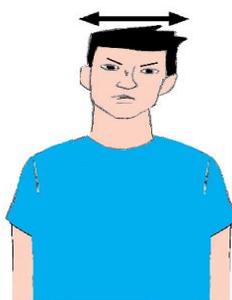


Figura 23: Sinal para NÃO

- Negação acompanhando o sintagma verbal:

(3) IX <1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX <joão>a_{ef}
MC

‘Eu não encontrei o João’

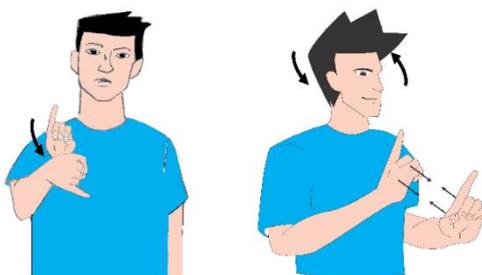


Figura 24: Representação da sentença ‘Eu não encontrei o João’ (negação no sintagma verbal)

- Negação se estende por toda a sentença:

(4) IX <1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX <joão>a_{ef}
MC

‘Eu não encontrei o João’

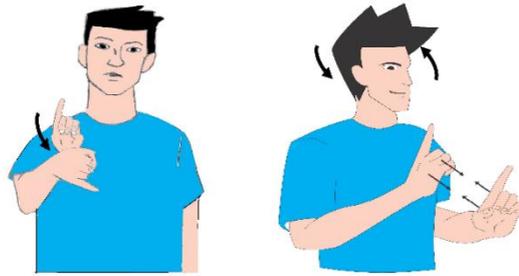


Figura 25: Representação da sentença 'Eu não encontrei o João' (negação na sentença toda)

- Ultrapassa o limite do último sinal realizado na sentença:

(5) IX<1> NÃO 1ENCONTRARa JOÃOa IX<joão>a_{ef}

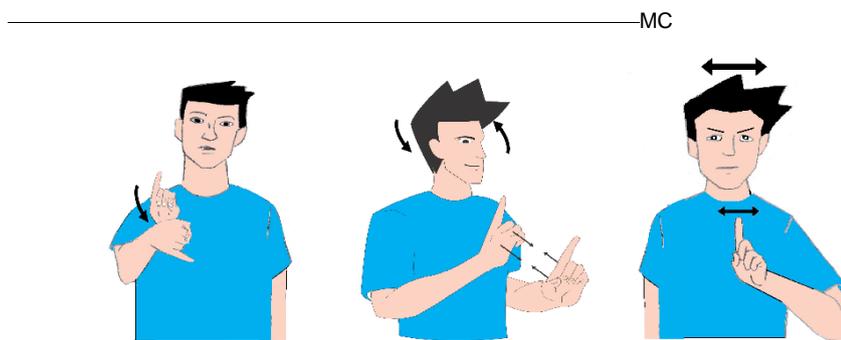


Figura 26: Expressão não-manual marca negação pós-sentencial

A concordância em Libras se caracteriza pela existência de dois tipos de verbos, que são chamados de direcionais e não-direcionais. Os verbos direcionais são aqueles considerados possuidores de concordância, em que ponto inicial da articulação do sinal do verbo identifica o sujeito da oração e o ponto final identifica o objeto. Já os verbos não-direcionais não possuem a marca da concordância e são transcritos na forma infinitiva. É, portanto, o parâmetro do movimento entre um ponto inicial (identificado com a função de sujeito) e um ponto final (identificado com a função de objeto) que marca a concordância em Libras.

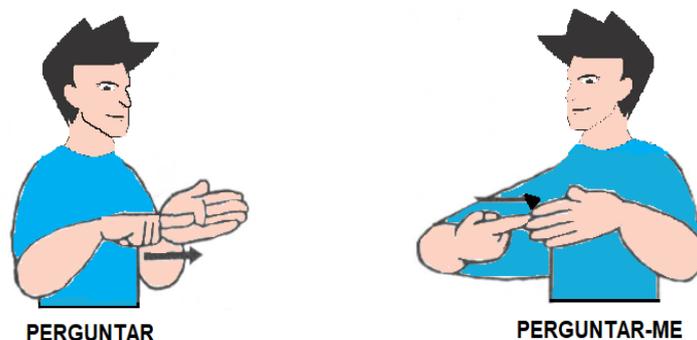
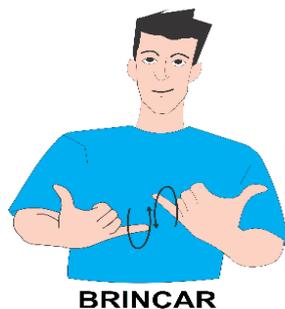


Figura 27: Exemplo de verbo direcional



BRINCAR

Figura 28: Exemplo de verbo não-direcional

2.3 (Im)polidez: interface entre gramática e pragmática

A norma gramatical padrão de uma língua assume a polidez como a modalidade interacional mais adequada e utilizada em situações formais, tais como palestras, pronunciamentos oficiais, dentre outros. Por consequência, essa correlação se aplica a Libras, em que, segundo Rodrigues e Valente (2012), podem ser encontradas diferenças de registro em situações formais e informais. Neste trabalho, como já foi dito, pretendemos verificar essa correlação entre contextos formais ou informais e graus de polidez ou impolidez em Libras.

Xavier (2011, 2014), ao analisar a variação fonológica em Libras, mostra exemplos tratados como variação fonológica não-motivada, como os seguintes:

PARAMÊTROS	VARIANTE 1	VARIANTE 2
CM	CANCELAR 	CANCELAR 
PA	ENTENDER 	ENTENDER 

M	TRABALHAR 	TRABALHAR 
OR	A 	A 
ENM	ESTADOS UNIDOS 	ESTADOS UNIDOS 

Figura 29: Exemplos de variação fonológica não-motivada em Libras, segundo Xavier (2011, 2014)

Xavier (2011, p. 127) afirma que há:

Casos de variação fonologicamente não-condicionada, em decorrência de a observação de seu uso em sinalização espontânea apontar que a “escolha” entre uma das formas alternativas do sinal não resulta de influências do contexto fonético-fonológico em que ela se encontra. Em outras palavras, ao que parece, esses casos representam exemplos de variação motivada por fatores extralinguísticos, tais como a procedência do falante, a sua idade, ou mesmo o contato com o português, entre outros.

Castro Jr. (2011), entretanto, observa que a variação de um dos parâmetros pode indicar informalidade em Libras. O autor exemplifica com o sinal TER, que pode ser comumente sinalizado de duas formas: a primeira (à esquerda na figura abaixo) possui CM em L, PA no centro do tórax, M dos toques no tórax e OR para o lado esquerdo; a segunda mantém os parâmetros que formam o sinal, alterando-se apenas a orientação da palma da mão, para baixo:

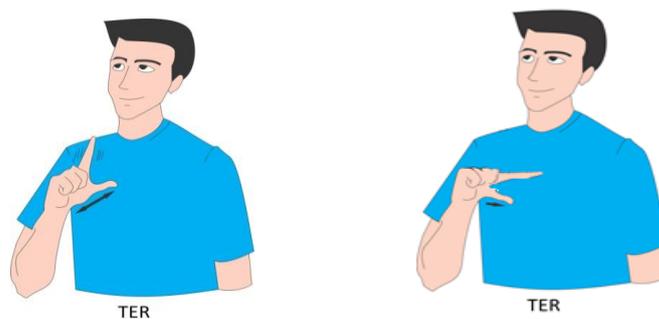
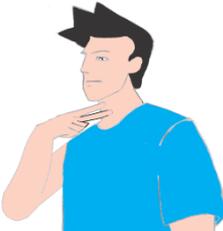
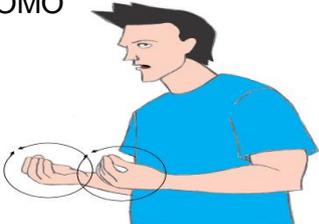
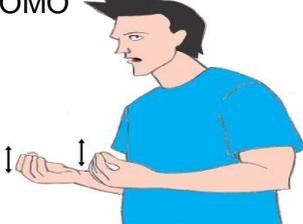


Figura 30: Variação fonológica na sinalização de TER

Uma vez que não observamos mudança no significado do sinal, esse exemplo não é um par mínimo, mas apenas uma variação do sinal TER apresentado no primeiro desenho. Em outras palavras, é possível criar uma hipótese em que o fator extralinguístico que está em jogo nesse tipo de variação seja o do registro formal ou informal (tomando-se como informal o sinal que não mantém a articulação considerada padrão, dicionarizada). De fato, a forma do sinal TER na segunda imagem é muito comum na sinalização de Libras em situações informais, como em contação de histórias, piadas, etc.

Abaixo, trazemos mais exemplos que mostram esse tipo de variação fonológica, o que nos permite concluir que não se trata de uma questão excepcional em Libras, mas de fenômeno linguístico a ser melhor estudado:

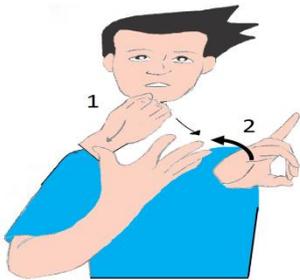
PARAMÊTROS	FORMAL	INFORMAL
CM	NÃO-PODER 	NÃO-PODER 
PA	SABER 	SABER 
M	COMO 	COMO 

OR	TER 	TER 
ENM	LADRÃO 	LADRÃO 

Figura 31: Sinais em variação fonológica em Libras

Quanto à CM, o sinal NÃO-PODER, na primeira imagem, possui CM em V e, na segunda imagem, possui a CM 36 (PIMENTA e QUADROS, 2006). Sobre o PA, o sinal SABER, na primeira imagem, é realizado ao lado da testa e, na segunda imagem, é realizado ao lado da bochecha. Quanto ao M, o sinal COMO, na primeira imagem, apresenta movimento circular e, na segunda imagem, movimento reto para cima e para baixo. Sobre OR, o sinal TER, na primeira imagem, possui OR à esquerda (ou à direita, no caso de um sinalizante canhoto) e, na segunda imagem, possui OR para baixo, com o indicador apontando para a esquerda (ou para a direita, no caso de um sinalizante canhoto). Quanto à ENM, o sinal LADRÃO, na primeira imagem, é feito com a bochecha se movendo com a língua e, na segunda imagem, o rosto fica sem movimento. Todos os sinais apresentados na segunda coluna apresentam realização diferente daquela que se encontra dicionarizada em Capovilla et al (2013), que consideramos como o uso padrão dos cinco parâmetros.

Outro contexto em que podemos observar mudanças nos sinais em situações formais e informais que se refletem em graus de polidez ou impolidez é o dos cumprimentos. Em Libras, encontramos os exemplos abaixo:

Saudação Formal	Saudação Informal
BOM DIA  BOM DIA	JÓIA?  JÓIA

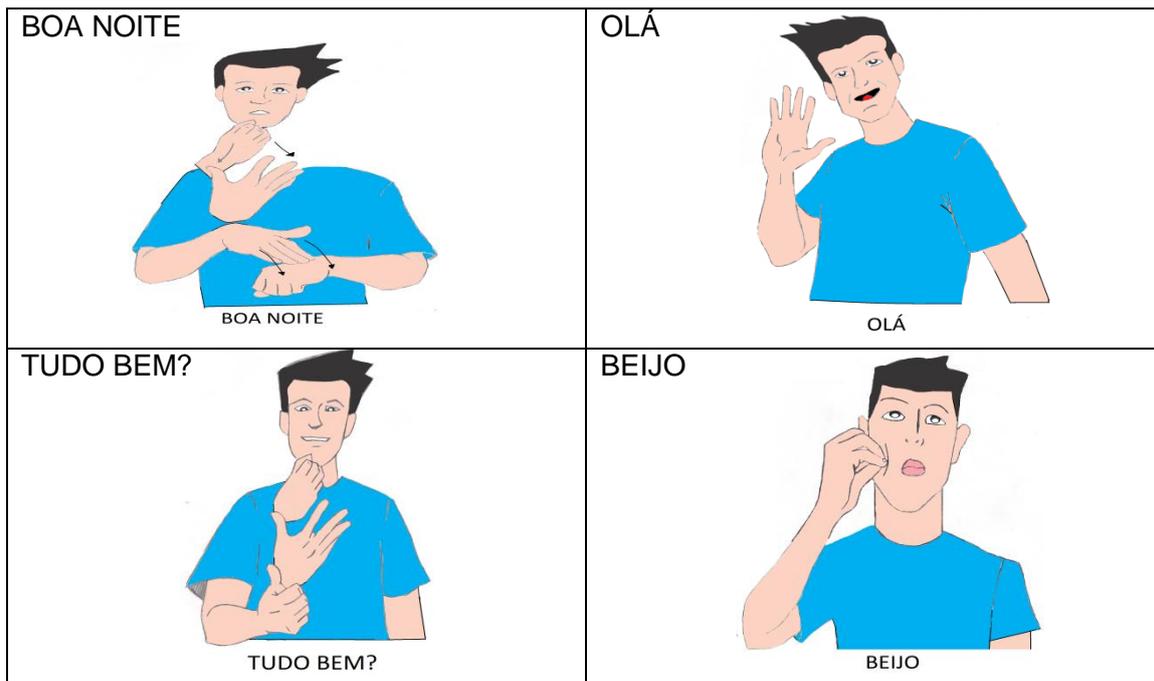


Figura 32: Sinais para cumprimentos em contextos formais e informais

2.4 Síntese do capítulo

Para compreendermos os contextos de uso de uma língua, temos que compreender, também, sua gramática, pois ambos estão relacionados. A gramática não deve ser vista como uma ferramenta para definir nomenclaturas ou classes, mas como algo fundamental de ser descrito para a compreensão dos contextos pragmáticos, pelo fato de construirmos frases para nos comunicarmos.

Neste capítulo, discutimos aspectos da morfofonologia e da morfossintaxe de Libras com o objetivo de relacioná-los, pelo menos de forma preliminar, com aspectos da pragmática dessa língua, como forma de subsidiar a análise dos dados que coletamos para este trabalho. No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia de coleta desses dados.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA

O caminho metodológico adotado para este trabalho baseia-se na pesquisa científica (estudos teóricos e descritivos sobre o tema) e na pesquisa de campo (coleta de dados), que possibilitam analisar, com base no referencial teórico, os diferentes mecanismos gramaticais utilizados pelos surdos sinalizantes de Libras para expressar polidez ou impolidez. A coleta se deu por meio da gravação de vídeos e da realização de entrevistas com o mesmo grupo de surdos.

Neste capítulo, apresentamos as informações sobre a metodologia da pesquisa, quais sejam: o tipo de metodologia utilizado (seção 3.1) e os procedimentos para a coleta de dados da pesquisa (seção 3.2), que incluem a descrição do perfil dos participantes em relação a cada um dos instrumentos utilizados. Ao final, apresentamos a síntese do capítulo (seção 3.3).

3.1 O método utilizado na pesquisa

O tema abordado nesta pesquisa apresenta caráter de inovação, visto que as pesquisas sobre polidez em Libras ainda são bastante incipientes. Para tanto a metodologia exploratória se mostra mais pertinente, pois segundo Gil (2008), essa metodologia tem o objetivo de explorar temas novos e trazer esclarecimentos, ainda que iniciais, de certas ideias, buscando formular hipóteses que abrem possibilidades para estudos posteriores. Esse tipo de metodologia pressupõe levantamento bibliográfico e documental, entrevistas e estudo de caso, não apresentando tanta rigidez no seu percurso. Geralmente, as pesquisas exploratórias se mostram como um primeiro passo, ainda que uma investigação mais ampla, chegando a uma hipótese mais esclarecida de uma ideia.

Para a realização de uma pesquisa exploratória, a análise qualitativa se torna mais congruente, visto que, para Gil (2008) e Neto (2012), esse tipo de metodologia permite interpretar e esclarecer um sistema complexo de significado, explicando certos fenômenos sociais. Na pesquisa qualitativa, o pesquisador coleta seus dados em um

ambiente natural, em que o sujeito está inserido, sendo o próprio pesquisador o instrumento da pesquisa. Para isso, é possível coletar os dados diretamente, observar ou ainda entrevistar para buscar mais detalhes dos indivíduos da amostra. Esse tipo de pesquisa tem caráter descritivo.

A presente pesquisa apresenta as características apresentadas brevemente, sendo uma pesquisa exploratória e qualitativa. A coleta de dados foi feita através da observação dos indivíduos e da gravação de entrevistas em diversos ambientes e os dados foram registrados por meio de vídeos em cada fase do trabalho.

3.2 Procedimentos para a coleta de dados da pesquisa

A coleta de dados se deu, como já foi dito, por meio de dois instrumentos de pesquisa – vídeos e entrevistas. A seguir, passamos a descrever o perfil dos participantes em cada caso e as informações relevantes sobre cada um desses instrumentos.

a) Gravação de vídeos

A coleta de dados em vídeo foi realizada com 10 (dez) sujeitos surdos usuários de Libras no período compreendido entre os meses de abril e junho de 2017.

Dos participantes, cinco surdos residem no estado de Minas Gerais, três surdos em São Paulo e dois surdos em Brasília, cidades onde foram feitas as coletas dos dados. Eles têm entre 18 e 35 anos. Cinco deles estão cursando o ensino médio, três têm ensino superior completo ou incompleto, um tem pós-graduação e outro está cursando mestrado.

O sigilo quanto à identidade dos participantes de pesquisa nessa etapa foi mantido mediante a atribuição de um número, que nos possibilitará descrever as situações de fala nos dados coletados sem fazer referência ao nome desses sujeitos. As informações sobre os participantes dos vídeos estão resumidas na tabela abaixo (em que P1 se refere ao primeiro participante, P2 ao segundo participante, e assim por diante):

Participante	Idade	Cidade onde mora	Escolaridade
P1	30	Montes Claros	Graduando
P2	33	Montes Claros	Graduado

P3	35	Montes Claros	Graduada
P4	18	Montes Claros	Ensino Médio
P5	18	Montes Claros	Ensino Médio
P6	34	Brasília	Ensino Médio
P7	35	Brasília	Mestranda
P8	28	São Paulo	Pós-Graduada
P9	22	São Paulo	Ensino Médio
P10	28	São Paulo	Ensino Médio

Tabela 1: Perfil dos participantes da pesquisa

A gravação dos vídeos se deu em situações de conversa espontânea entre os participantes da pesquisa, dos quais seis foram selecionados para este trabalho. A escolha dos locais foi motivada pela situação de comunicação, buscando representar ambientes menos formais (bar e residência) e mais formais (escola e empresa). Na escola e na empresa, também é possível observar relações de poder que podem resultar em contextos que propiciam maior polidez.

Ao todo, foram coletados seis vídeos para este trabalho, numerados de 1 a 6 (V1 a V6). A tabela abaixo descreve os contextos de interação entre os participantes em cada vídeo:

Vídeo	Contexto de interação
V1	P1 e P2 – Bar
V2	P3 e P4 – Escola
V3	P1 e P2 – Bar
V4	P5 – Escola
V5	P3 e P4 - Escola
V6	P6 e P7- Casa

Tabela 2: Relação dos vídeos coletados na pesquisa

No vídeo 1 e no vídeo 3, os participantes estavam em um bar e o tema de interação se referia ao trabalho. No vídeo 2 e no vídeo 5, os participantes não se conheciam e, em uma escola, começaram a dialogar para se apresentarem e conversarem sobre outra pessoa, respectivamente. No vídeo 4, entre o professor e o aluno surdo, ocorre uma discussão sobre os conteúdos da disciplina de História, por causa do ENEM que estava se aproximando. No vídeo 6, os surdos estavam em casa conversando sobre um empréstimo.

Os registros em vídeo são apresentados no capítulo 4 deste trabalho por meio de sequências de imagens que permitem identificar a interação. Os dados resultantes de cada interação são transcritos em Libras, utilizando-se a convenção das letras maiúsculas, seguidos de glosa e de tradução para o português.¹⁰

b) Realização de entrevistas

Foram selecionadas sete pessoas surdas, sendo quatro homens e três mulheres, todas residentes em MG. Os nomes e imagens são preservados, sendo nomeados os entrevistados pela letra S (de Sujeito) seguida de um número de 1 a 7.

As entrevistas foram realizadas por meio de questionários, respondidos individualmente. De acordo com M. Oliveira (2009, p. 110), existem dois tipos de perguntas que podem ser feitas em questionários de pesquisa, as abertas e as fechadas:

As perguntas abertas são aquelas que permitem a expressão livre de opinião sobre o que está a ser perguntado. As perguntas fechadas apresentam várias alternativas de respostas que têm simplesmente de ser assinaladas pelo inquirido.

Diante dessa explicação, optamos por utilizar perguntas abertas, pois, assim, os entrevistados poderiam responder as questões com suas próprias palavras, de forma dissertativa. A vantagem desse tipo de pergunta está na coleta de uma quantidade maior de informações, porque os entrevistados não são influenciados por respostas predeterminadas, de fácil elaboração. Por outro lado, os resultados são de difícil tabulação e percepção, razão pela qual estão em consonância com a pesquisa do tipo qualitativo.

Para a elaboração das questões, foi tomado o cuidado de utilizar uma linguagem clara, de fácil entendimento, com termos técnicos reduzidos, bem como o de elaborar questões impessoais, com redação direta, de acordo com o que propõe Marques (2013, p. 280):

Uma linguagem simples e clara é aquela que permite perceber à primeira leitura o sentido da informação a que é pensada à medida de um leitor de compreensão média (tendo em conta o tipo de leitores a

¹⁰ Essa é a convenção de transcrição de dados em Libras que também utilizamos nos capítulos anteriores.

quem é destinado o documento em questão), a que usa apenas palavras necessárias ou que é direta e simples.

O questionário utilizado na entrevista era composto de sete perguntas:

- 1) *Para você a Libras possui sinais padronizados?*
- 2) *Como você define a formalidade e a informalidade na Libras?*
- 3) *Em sua opinião, o uso formal ou informal da Libras depende de quem e onde for utilizar?*
- 4) *Sobre o aspecto formal e informal na Libras, qual deles é mais usual?*
- 5) *Nos diálogos casuais em Libras é possível distinguir sinais formais e informais?*
- 6) *Na sua opinião os surdos se comunicam através da Libras com aspecto mais formal ou menos formal?*
- 7) *Você poderia produzir um pequeno texto exemplificando uma sinalização formal e/ou informal?*

A pergunta 1 procurava saber o nível de conhecimento do sujeito sobre haver um padrão de articulação dos sinais. As perguntas de 2 a 6 buscavam identificar se o participante tinha conhecimento dos aspectos relevantes para essa pesquisa, referenciados por meio do conceito de (in)formalidade, visto que (im)polidez se mostrou um conceito de difícil acesso para os surdos. Por fim, a pergunta 7 pretendia confirmar as respostas anteriores por meio da exemplificação de sinais em situações formais e/ou informais.

As entrevistas foram realizadas em Libras, por meio da interação em vídeo entre esta pesquisadora e o entrevistado em ambiente privado (não em domínio público) da rede social denominada YOUTUBE. Ao final das entrevistas, elas foram salvas em arquivo e transcritas com a contribuição voluntária de uma intérprete de Libras, que reviu com esta pesquisadora os vídeos, evitando-se, assim, ambiguidade na transcrição do discurso dos entrevistados nesta pesquisa.¹¹

3.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos a metodologia da coleta de dados desta pesquisa, de tipo exploratório e qualitativo. Essa metodologia incluiu pesquisa

¹¹ Agradecemos à intérprete Silvana Langbein, que aceitou trabalhar voluntariamente nesta etapa da pesquisa.

bibliográfica e de campo, com o objetivo de produzir os vídeos que serão utilizados, no próximo capítulo, para o estudo da (im)polidez em Libras.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa, a partir da análise dos dados coletados. Como foram dois os instrumentos de coleta de dados, o capítulo está dividido também em duas seções: a primeira traz a análise das respostas dos participantes às questões propostas nas entrevistas, revelando a percepção dos surdos sobre o tema da pesquisa (seção 4.1); a segunda (seção 4.2) se dedica à análise das interações em vídeo, buscando identificar os diferentes mecanismos gramaticais de (im)polidez na sinalização, tendo como referência, principalmente, a teoria de polidez de Brown e Levinson (1987 [1978]), apresentada no capítulo 1 deste trabalho. Por fim, fazemos a síntese do capítulo (seção 4.3).

4.1 Apresentação e análise das entrevistas

Conforme dissemos no capítulo 3, o questionário utilizado na entrevista era composto de sete perguntas, sendo que a primeira procurava saber o nível de conhecimento do sujeito sobre haver um padrão de articulação dos sinais, a última solicitava exemplificação de sinais em situações formais e/ou informais e as outras cinco buscavam identificar se o participante tinha conhecimento dos conceitos de (in)formalidade, pressupondo-se que os elementos de (im)polidez podem ser correlacionados com esses conceitos, os quais se mostraram mais acessíveis aos surdos participantes da pesquisa.

Nesta seção, apresentamos as respostas obtidas nas entrevistas para cada uma das questões, seguidas da nossa análise. As respostas estão escritas em português, mas preservam a organização do pensamento dos participantes, que responderam em Libras, como já foi mencionado no capítulo 3. A razão de não usarmos o português padrão é, justamente, preservar a intuição dos surdos sobre os temas tratados. Nos quadros com as respostas, os sujeitos são identificados com a letra S e o número correspondente.

Pergunta 1: Para você, a Libras possui sinais padronizados?

S1: Sim!

S2: A primeira pergunta que você me fez, eu vejo que a Libras deve ser respeitada as regras próprias da língua de sinais, é muito importante.

S3: Eu acho que não!

S4: Resposta 1. Acredito que a regra deve ser obedecida, mas... em diversas regiões há diferentes sinais. Certo?

S5: A Libras tem regras de concordância e há diferentes tipos sim. Tem!

S6: Pergunta 1. Libras tem lei 10.436. Por quê? Os surdos se comunicam como? Não tem comunicação não! Os ouvintes desprezam os surdos, tem aqueles que não têm vontade de aprender e tem os que se interessam por Libras e há ouvintes que mantêm contato com a Libras e comunicam com os surdos. Essa lei vale para criança, homens, mulheres, tanto faz. Os surdos estudam, os professores só falam, falam, falam, no banco, no médico em diversos lugares a acessibilidade de comunicação é limitada para os surdos. Por isso a lei de Libras dá aos surdos acesso à comunicação.

S7: Tudo bem! Número 1. Na pergunta um você falou sobre obedecer às regras, hmmm, rmmm, mas... às vezes as pessoas conhecem a Libras, também através das associações, culturas, sociedade em que se usa Libras fluentemente. Os sinais caseiros são excluídos, não há criação de sinais e a busca pelo conhecimento, existe R-E-G-R-A, regra assim como o português obedecer às regras, a Libras também obedece. Mas, nos diálogos tem diferenças, quando os surdos não sabem, perguntam; ou perguntam a ele. Certo?

Vemos que a padronização é tomada com o valor de regra estabelecida para a comunicação e, por vezes, confundida com o reconhecimento de Libras como língua de comunicação e instrução dos surdos no Brasil. Mesmo reconhecendo a existência de regras, os entrevistados sugerem que os falantes desconhecem essas regras. Isso nos leva a concluir que o conceito de gramática por trás das respostas dadas diz respeito à normatização (ou à padronização) linguística e não ao conceito que utilizamos nesta dissertação, que diz respeito a mecanismos morfofonológicos e morfossintáticos que constituem o nosso conhecimento linguístico internalizado. Isso, entretanto, não é um problema, pois o tema da pesquisa diz respeito à língua em uso e a distinção entre situações formais e informais acaba se relacionando com a questão de haver uma padronização da língua.

Apesar disso, é possível constatar em algumas respostas que existe um padrão de língua utilizado em situações ou lugares mais formais, institucionalizados,

como associações, por exemplo (V. resposta do sujeito S7). Essa intuição está de acordo com o que Ferreira Brito (1995) diz sobre o fato de os surdos no Brasil formarem uma minoria linguística, o que oportuniza uma conversação caracterizada pelos traços de familiaridade entre eles.

Pergunta 2: Como você define a formalidade e a informalidade em Libras?

S1: Resposta 2. O formal é, por exemplo, educado, oi, bom, cumprimentar com as mãos. Informal, é abusado, é tapas de mãos, soco com soco, beleza, bom, é abusado.

S2: Se a Libras tem formal e informal? Tanto faz! Nos divertimentos, em festas. Já o formal é usado em palestras com uso correto, postura formal, explicações recatadas. Não tem oi, beleza. Não! É perfeito! Em palestras e explicações; não como o informal que é livre (êh! Beleza! Abraço, tudo bem!), é diferente.

S3: O formal tem estrutura obedecida na íntegra. A Libras é perfeita. O informal, parece fraco, não obedece uma regra, é simples.

S4: Resposta 2. Tem diferença sim entre formal e informal, mas... o formal demonstra ética, postura, na forma educada o comportamento é sério. O informal é de qualquer jeito, é normal, seja na diversão, passeios, em qualquer lugar.

S5: Em Libras, o formal pode acontecer durante uma comunicação perfeita, tem concordância com a educação da pessoa, exemplo, em palestras, as palavras faladas certas devem ser interpretadas certas na sequência, a Libras deve-se mostrar formal e não de qualquer jeito. Certo? Também, em cerimônias formais que somos convidados, a Libras deve ser formal. Na fábrica, numa conversa com os amigos, deve acontecer normal, não há uma regra a obedecer, é livre. Sem mais!

S6: Pergunta 2. A minha opinião sobre formal e informal. O formal, você só usa a Libras visual, desenhos, sabe sinais, só português, palavras e sinais, só. A outra informal não usa expressão facial, só Libras e visual, mas não tem E-S-T-I-L-O, P-R-E-P-O-S-I-Ç-Ã-O, (com, de, por, a), não, não tem. Aí, é português e não tem Libras visual, os sinais são juntos. Se fala de pessoas, animais e coisas; usa-se classificadores e expressões facial e corporal próprias da Libras e do corpo. Aí é Libras informal, própria do contato com surdos.

S7: Pergunta 2. Formal e informal. Também em outros lugares esses sinais se usam a configuração "B" não na horizontal, mas na vertical, e as configurações "F" e "I" (formal e informal) são feitas entre as paredes da configuração "B". Isso é certo! Mas.... Os surdos falam que o formal é "oi, tudo bem?" e, se obedece ao contato visual durante a conversa, há quem fala que parece P-A-P-A-G-A-I-O (oi/oi, tudo bem? /Tudo bem!). Há também, pessoas que conversam informal, não há contato visual, não precisa

gritar, sabe chamar a atenção das pessoas, fala “bom dia” em geral para todos. Uma pessoa só que fala e os demais dão atenção. Depois, ah! No formal a pessoa age com mais educação, tem contato, percebe que a pessoa está triste pelo visual, então vai conversando para depois saber o que a pessoa tem. No informal, a pessoa já chega perguntando, o que aconteceu, por que está chorando, se brigou, se está irritado, já entra com mais clareza, direto ao assunto, não interessa se o momento é formal ou informal que usa. Certo?

Nas respostas para a segunda pergunta, dois aspectos se destacam.

O primeiro é o da associação entre formalidade e informalidade e o comportamento mais (ou menos) educado dos indivíduos na interação com outros. Isso confirma a nossa hipótese de que em contextos mais formais, as pessoas tendem a ser mais polidas (educadas).

O segundo aspecto diz respeito à relação entre formalidade e uso padrão de língua, o que remete à discussão que fizemos para a pergunta 1. É interessante notar a resposta do sujeito S3, que fala que o informal “parece fraco” – isso pode ser um indício de que sinais articulados de maneira mais relaxada, sem observar todos os parâmetros fonológicos descritos nos dicionários são empregados em situações informais e, por isso, podem ser considerados menos polidos, como sugerimos nos capítulos anteriores deste trabalho. Ainda nesse aspecto, vale ressaltar o que disse o sujeito S7 sobre o contato visual entre os interlocutores, que parece distinguir uma interação formal de uma interação informal.

Pergunta 3: Em sua opinião, o uso formal ou informal da Libras depende de quem e onde for utilizar?

S1: Resposta 3. Acho que sim. Exemplo, tem lugares que se usa formal, seminários, igrejas, conferências, são próprios do uso do formal. O informal se usa em bares, baladas, festas, lugares para bater papo, é informal.

S2: Você perguntou em que lugares se usa o formal e informal. O informal é livre em shoppings e bate-papo com surdos. O formal, em fóruns de assuntos judiciais, atendimentos sérios, conferências e palestras. Ok?

S3: Não! Não! Acho que tem lugares!

S4: Tem o uso de formal e informal em diferentes lugares. Aqui se usa o informal, por exemplo, em diversões, boates, festas, passeios, tanto faz... Já aqui, sério, usa-se o formal no trabalho, palestras, em assuntos sérios do trabalho, reunião, casamentos, então.

S5: A Libras tem em diferentes lugares, o formal e o informal, exemplo, numa palestra você pode encontrar um amigo e conversar formalmente ou convidar alguém a vir em sua casa, ou uma entrevista deve ser formal. Agora se você vai a um bar, encontra um amigo, aí é informal e conversam de qualquer jeito, não há regra a obedecer, mas nos eventos formais, é diferente.

S6: Como o informal é distante da realidade de comunicação de surdos, há contatos em encontros, bate papos, mas é difícil porque tem de ter português, mas se é em Libras, há contatos e você conhece o visual e a Libras.

S7: Você falou dos lugares que se usa formal e informal. Sim! Sim! Eu quando vou ao médico. Se ele soubesse Libras, eu estaria no consultório e usaria o formal. – Oi! – Tudo bem? Sentaria de frente a ele. Ele me perguntaria: – Está tudo certo? Eu diria que sinto febre, garganta..., e conversaríamos. Também em lugares como igreja, lugares onde há velório, casamentos... aí você age educadamente. Saudade de encontrar com alguém, então, conversaria, mas depois de um tempo, deixa as formalidades para lá e entra no informal, bate papo, etc. Tanto faz se aqui ou no consultório ou aqui na igreja. Nos dois lugares, vai ter o formal e informal. Só mesmo numa C-O-N-S-U-L-T-A que o formal terá maior relevância, mas de caso a caso.

As respostas se generalizam com a mesma narrativa de que, dependendo do lugar e que se está, usa-se um registro formal ou informal, confirmando-se a definição de (in)formalidade que observamos nas respostas à pergunta 2.

Pergunta 04: Sobre o aspecto formal e informal na Libras, qual deles é mais usual?

S1: Eu acho que os aspectos que você falou (cumprimentar com as mãos, educadamente, textos escritos de forma certa, conversa em família onde todos sentam à mesa para comer, comer com prato e copo, também comer educadamente); o informal é não ter educação para cumprimentar... Bom? E aí? Textos escritos de forma errada com termos inapropriados. Conversas com palavras simples, na mesa os talheres e pratos de qualquer jeito, sem educação, bruto. Então... formal e informal é diferente.

S2: A pergunta quatro, você me pergunta quatro tipos de informal em Libras ou informal. Desculpa, não entendi. Tá!

S3: Sim, tem aspectos formais, tem, tem, tem. Sim, tem aspectos informais, tem, tem, tem!

S4: O que são os aspectos formais e aspectos informais? Tem informal, oi, tudo bem, tapas de mãos, soquinhos de mãos, e aí? abraços, beijinhos de cada lado do rosto, saudade, que bom! Já o formal, Bom dia! Boa tarde! Boa noite! Bem-vindo!

S5: O formal pode acontecer, em entrevistas, em programas televisivos. Agora, se a pessoa não sabe usar o formal e precisa, por exemplo, ir ao banheiro, então usa o informal mesmo. Preciso sair ao banheiro, ou preciso tomar água. No formal, num evento, você não sai procurando água, você pede, por favor, posso tomar água? Estou com a garganta seca.

S6: Quais os sinais para formal e informal? F-O-R-M-A-L e I-N-F-O-R-M-A-L. O formal pode ser histórias em quadrinhos, legendas, escritas, placas de trânsito. O informal é a comunicação em Libras, própria dos surdos e dos sinais com ouvintes. Entendeu?

S7: Sobre os sinais de formal e sinais de informal em lugares. Isso vai depender do nível social de cada pessoa. É aquilo que já falei, o contato visual é usado na linguagem formal, em uma conversa de N-E-G-Ó-C-I-O, negócio, ou entrevista E-N-T-R-E-V-I-S-T-A, se é conversa com dentista, pessoas estranhas na rua, por exemplo, eu venho de outra cidade e na rua vejo uma pessoa e peço: por favor, pode me ajudar? Essa rua, em que lugar fica? A pessoa me explica, eu agradeço. É formal. Agora, informal é em diversas situações. Eu encontro um conhecido e já o chamo, marco um passeio, ou um encontro na associação... ah! Informal há uma infinidade de exemplos.

Os entrevistados, de forma geral, não entenderam essa pergunta e falaram isso diretamente ou acabaram respondendo com informações desconexas à pergunta, novamente falando de contextos ou situações de (in)formalidade. Entretanto, as respostas dos sujeitos S5 e S7 apontam para exemplos em que elementos de polidez (como a expressão “por favor”) estão relacionadas ao aspecto formal da linguagem.

Pergunta 05: Nos diálogos casuais em Libras é possível distinguir sinais formais e informais?

S1: Sim! Diferente!

S2: Você perguntou sobre o formal nos diálogos, em bate papo, o informal dá liberdade de bater papo em Libras. Não essa de “eu vou usar o informal ou formal”, os diálogos acontecem, seja em família, no lazer, com amigos. Ok? Jogar papo fora. No formal não é certo, usa-se “oi, tudo bem!” Igual precisar de diálogo para interagir. Certo?

S3: *Sim, sim, sim, é diferente sim, sim!*

S4: *Todos têm diferenças em Libras, no diálogo, mas... tem o quê? O encontro, bate papo, formal e informal, isso vai depender do jeito da pessoa com quem falamos. Se a pessoa chega com “oi, tudo bem? Beleza? ”, daí é informal, ou Bom dia! Ou com quem encontrou fora, isso vai depender da forma do diálogo e do encontro, mas, diferença tem sim, podendo ser respeitoso oi, tudo bem... ou olá, legal, booommm (sinalizado grande), beijos, entendi, legal. Aí pode abusar, mas no formal não; aí deve ser respeitoso.*

S5: *Em Libras, o formal e o informal juntos não combinam. Exemplo: No informal você diz ao dono da casa, “vou pegar água”. No formal, você pede ao dono da casa, “– por favor, posso tomar água? ”. Precisa ter essa preocupação. No informal, a comunicação não tem tanta importância quanto no formal que deve ser perfeita para evitar confusão em Libras.*

S6: *Como o formal e informal motiva o visual, é percebido sabe? O formal é usado pouco, seja em histórias em quadrinhos em que o visual faz a leitura e é simples. O informal tem diversos sinais, comunicação, envolve todo o corpo (expressões facial e corporal) é próprio da comunidade surda e das conversas de bate papos, de encontros, diálogos.*

S7: *A 5ª pergunta que você me fez. Tem em todos os lugares. Às vezes se usa o formal ou informal, é balanceado. Tem pessoas que se encontram ou também quando vou, ahhhh... na rodoviária R-O-D-O-V-I-Á-R-I-A, e lá se a pessoa é surda ou ouvinte que sabe Libras, de início não sabe qual linguagem usar (formal ou informal), então começa com formal e no outro dia encontra, aí já usa informal. Também na prefeitura, a conversa usa-se o formal no primeiro dia, no outro, o informal, formal, informal, formal, informal... livre. Às vezes no M-O-M-E-N-T-O momento certo.*

No geral, o que se vê nas respostas não se relaciona com a questão. De fato, a maioria dos surdos não soube distinguir, em um diálogo, os sinais formais e informais. Apesar disso, ressaltamos que eles parecem considerar que a interação em Libras é muito mais informal do que formal, podendo as interações informais ocorrer também em ambientes formais, como o caso da prefeitura, exemplificado pelo sujeito S7.

Pergunta 06: Na sua opinião, os surdos se comunicam através da Libras com aspecto mais formal ou menos informal?

S1: *Eu acho que as duas formas são misturadas para os surdos, pode usar as duas formas juntas.*

S2: *Desculpa falar, mas os surdos usam muito o informal. O formal, usam pouco, mas mesmo os surdos com um nível de conhecimento maior, a maioria usa mais o informal.*

S3: *A maioria dos surdos se comunica de modo informal.*

S4: *Em Libras, usa-se mais o formal ou informal? É bem mais o informal.*

S5: *Os surdos usam mais o informal e muito pouco o formal, não, não, não, só o informal. Mas porque é livre, não tem barreiras, é livre.*

S6: *Informal e formal, esse último, é usado muito pouco em Libras. Já o formal se usa com mais frequência (bate papos, conversas, encontros), mas é muito importante o informal em encontros, porque as expressões deixam o assunto fácil de ser entendido, é visual, é Libras, é visual, os encontros e bate papos. É, os surdos usam este bem mais.*

S7: *Você me perguntou o número seis. Os surdos, independentemente do lugar, utilizam com superioridade a linguagem informal, pouco formal, muito pouco, mas a formal em lugares como associações, igrejas, todos. Acho que 90% usam o formal. Ai! Ai! Desculpa! Informal, nas suas comunicações.*

As respostas à pergunta 6 reiteram o que ficou subliminar nas respostas à pergunta 5, ou seja, que, de forma geral, os entrevistados acreditam que os surdos se comunicam por meio de Libras com um grau elevado de informalidade. Isso apareceu, de uma forma ou de outra, em todas as respostas.

Essa opinião pode refletir a falta de conhecimento dos padrões gramaticais da língua, os quais devem ser utilizados em contextos formais. Se os surdos não dispõem desse conhecimento, pode acreditar, de modo geral, que usam um registro informal em todos os tipos de interação.

Embora o uso de diversos registros, mais ou menos formais, seja uma escolha dos falantes no momento da interação, considerados os parâmetros básicos, isso não elimina a necessidade de os surdos conhecerem a gramática de sua própria língua, por meio da escolarização, o que deveria ser viabilizado por meio do acesso pleno à escola bilíngue.¹²

Pergunta 07: Você poderia produzir um pequeno texto exemplificando uma sinalização formal e/ou informal?

¹² As questões e os desafios educacionais dos surdos têm sido tema de diversas outras pesquisas e, por isso, não vamos nos aprofundar nessa discussão neste trabalho.

S1: *Formal, exemplo, oi, bom dia, tudo bem. Informal, são sinais abusados. E aí, bater mãos, tapa no ombro, oi, bem. Coisas pouco educadas. Acabou! Um grande abraço.*

S2: *Vou resumir a explicação da pergunta que você me fez. Então, eu acho (opinião minha), que em vários lugares os surdos precisam conhecer o formal ao menos um pouco; precisa explicar a eles (é minha opinião) acho importante. Todo mundo sempre no informal não. Em cada lugar devem, os surdos, usar o formal e informal. Ok? Obrigada! Um abraço.*

S3: *O informal é, por exemplo, veja, pessoa chega e diz, oi.*

- Oi!

- Tudo bem?

- Tudo bem!

É simples e educado. Entendeu?

Informal é jogar um “oi” (largo) oooooooooi! Para a pessoa, uma “beleza” (bem forte). Tudo bem! (Com as mãos dando gestos de alegria, de animação). E nos diversos lugares. Mas também são informais os sinais feitos com descaso ou preguiça. Entendeu?

S4: *É muito importante você mostrar o objetivo do que é formal e informal para comparar a diferença que o contexto de Libras tem.*

S5: *A Libras na linguagem informal não são cobradas regras, não, não, não, só o contexto. Se o surdo quer tomar água, beleza, vai que eu fico aqui na boa (eu digo). Em uma comunicação informal em Libras não há esse encaixe. O formal: “por favor, vou pegar água porque minha garganta está seca”, aqui há esse encaixe de preparar o contexto em etapas, há uma adaptação do português no formal da Libras, no informal não há preocupação gramatical, e há grande adequação de classificadores.*

S6: *A história conta que a Libras não existia, era muito difícil, não se conhecia sinais, não havia encontros em Libras, era muito difícil. Então se usava a linguagem formal por meio de desenhos visuais. O informal se importava com o português escrito e o desenvolvimento dos surdos através dos encontros na escola motivou o uso de sinais que então se desenvolveram ao que chegou hoje em Libras (bate papos, encontros), porque é fácil, o informal é rápido, os papos são visuais, que é normal para os surdos e também para os ouvintes que não conhecem e também não desenvolvem o aprendizado de Libras se não desenvolver o contato de fácil comunicação. Hoje eu sou feliz. OK? Porque o informal é importante para o desenvolvimento dos surdos.*

S7: *Você me fez a pergunta sete. É, mas, importante o quê? Resumir formal e informal iguais, exemplo, “G-Í-R-I-A” Qual você usaria? Formal ou informal? As duas! Exemplo, conhece encontro lá? Eu resumi o assunto e usei expressões facial e corporal. O*

formal usa junto à oralidade e se aproxima do português sinalizado, conforme sinaliza, gesticula os lábios, veja... isso é formalizar a Libras, às vezes quando as pessoas se aproximam de mim, eu percebo que o informal é mais usado e é muito importante. Tudo bem?

Vemos que os exemplos mais citados, em todo o conjunto de perguntas e respostas, são os das saudações e dos pedidos (V. respostas dos sujeitos S1, S3 e S5). Talvez isso explique por que o estudo de Ferreira Brito (1995) se concentrou fortemente nos atos de fala do tipo pedidos. Os demais entrevistados não deram exemplos e fugiram do objetivo da pergunta.

4.2 Apresentação e análise dos vídeos

Nesta seção, fazemos a análise dos vídeos resultantes das gravações dos diálogos realizados pelos surdos participantes da pesquisa, em situações comuns que apresentam estratégias de polidez. Para essa análise, foram feitas duas filmagens para cada parâmetro proposto por Brown e Levinson (1987 [1978]), a saber: (i) intimidade; (ii) relação de poder entre falante (emissor – E) e destinatário (D); (iii) grau de gravidade dos Atos Ameaçadores da Face (AAF).

a) Interação 1 – contextualização: os sujeitos interagentes são amigos de longa data, conversando em um bar, local promove uma informalidade, além de possibilidade expressar laços de amizade.



Vídeo 2: Coleta de dados – interação 1

Dois participantes surdos, fluentes em Libras, conversam alegremente em um bar, sendo o participante emissor (E), o que está vestido com a camisa branca com estampa, e o participante destinatário (D), o que está com a camisa preta. Iniciam a interação conversando sobre trabalho. A conversa foi longa devido ao fato de que eles não se encontravam há muito tempo. No recorte da conversa explicitado acima, (E) pergunta para (D) se ele aceita mais cerveja.

(1)MAIS (+) CERVEJA?

‘Aceita mais cerveja?’

Podemos observar que (E) é muito direto na pergunta, com uma sinalização mais rápida e utilizando o sinal (+), que transmite o sentido de acréscimo, sem se preocupar com uma construção gramatical formal da sentença. (E) sinaliza e é entendido por (D) devido ao grau de intimidade entre eles, fazendo com que esse grau reduza as estratégias de polidez na interação, estabelecida pelo nível de intimidade e amizade. Por isso, (E) não se preocupa com a preservação de Face de (D), ou seja, com a autoimagem do destinatário. Deliberadamente os interagentes neutralizam a Face mesmo que a ação seja impositiva. Esse tipo de estratégia, *Bald-on record strategy* ou estratégia diretiva (Brown e Levinson (1987 [1978]), é aceitável em situações como a acima descrita, na qual não há probabilidade de que a autoimagem de (D) seja afetada.

b) Interação 2 – contextualização: em um bar, um cliente surdo, em companhia de um amigo também surdo, faz um pedido para a garçonete, que é ouvinte.



Vídeo 3: Coleta de dados – interação 2

A interação entre um cliente e um funcionário de qualquer estabelecimento comercial costuma ser assimétrica, uma vez que um dos participantes possui mais poder. No caso em questão, o cliente tem mais poder que o seu interlocutor, a garçonete, funcionária do bar. Nessa interação, o cliente, que é surdo, dirige-se à garçonete, solicitando a ela mais cerveja apenas indicando o copo. A garçonete acena com cabeça para baixo e para cima, o que indica um “sim”.

(2)E: IGUAL (aponta para o copo).

‘Outra cerveja’

D: (acena com a cabeça para baixo e para cima).

E) foi diretivo e impositivo na sua construção gramatical, utilizando um recurso muito comum em Libras, que é a dêixis de lugar. (E) não utilizou gestos ou expressões faciais que poderiam atenuar o pedido feito, para torná-lo mais polido. Segundo Ferreira Brito (1995), expressões não-manuais em Libras podem ser utilizadas como estratégia para suavizar o peso ilocucionário causado por situações que evidenciam atos diretivos. Em português, isso seria comparado à entonação de voz.

De certa forma, a relação de poder é neutralizada pelo contexto (lugar descontraído e informal), mas também porque os interagentes estão considerando a eficácia do pedido. Um ato impositivo que poderia ameaçar a Face de (D), torna-se, nesse contexto, natural. Com frequência, podemos observar que clientes não surdos também agem da mesma maneira, ou seja, apontando para o copo ou para a garrafa, sem que isso ameace a autoimagem do(a) garçom(nete).

c) Interação 3 – contextualização: duas jovens surdas foram apresentadas pela pesquisadora. Uma das jovens é fluente em Libras e a outra estudava Libras há um ano apenas.



Vídeo 4: Coleta de dados – interação 3

Essa interação pode ser descrita como assimétrica, uma vez que as duas surdas têm diferentes domínios de Libras. No início da conversa, apesar de as duas interagentes serem do mesmo sexo e aparentemente terem a mesma faixa etária, o que poderia promover uma maior interação, observamos que havia um certo distanciamento entre elas. Podemos pensar que esse tipo de distanciamento seja natural quando não se conhece ainda alguém com quem estamos conversando. Assim o distanciamento pode ser interpretado como uma estratégia de preservação da autoimagem, tanto de (E) quanto de (D).

Desde os primeiros momentos da interação, a linguagem utilizada pelas duas participantes se mostrou mais informal e as perguntas sempre eram diretas. Mesmo assim, foi possível perceber que (E), de blusa clara, possuía maior grau de escolaridade que (D), de blusa escura, e que era fluente em Libras, enquanto (D) não era. Naturalmente, (E) se dirigiu a (D) com mais frequência, fazendo perguntas. Por sua vez, (D) se mostrou tímida, limitando-se a responder o que lhe era perguntado.

(3)E: OI, TUDO BEM?

‘Oi, tudo bem?’

D: OI.

‘Oi.’

E: NOME?

‘Qual o seu nome?’

D: (usa datilologia para dizer o nome) VOCÊ?

‘(nome) E o seu?’

E: (usa datilologia para dizer o nome) SINAL?

‘(nome) Qual o seu sinal?’

D: (faz o sinal) VOCÊ?

‘(sinal) E o seu?’

E: (faz o sinal) ESTUDAR GOSTAR AQUI?

‘(sinal) Você gosta de estudar aqui?’

D: SIM.

‘Sim.’

Por ser fluente em Libras, (E) utilizou mais recursos de expressão facial e maior velocidade e intensidade nos movimentos que (D), o que pode ser um indício da relação assimétrica que havia entre elas, apesar de serem jovens da mesma faixa etária. A assimetria na interação pode ser proveniente do poder linguístico (fluência em Libras) de (E). Por mais que ela tenha tentado ser polida com sua interlocutora,

mantendo um diálogo, ficou claro que dominava os turnos da interação e que as perguntas eram diretas – *Bald-on record strategy* ou estratégia diretiva (Brown e Levinson (1987 [1978])), apesar de a interação requerer estratégias de minimização as ameaças, uma vez que se tratava de uma primeira apresentação entre as duas interlocutoras.

d) Interação 4 – contextualização: diálogo entre um professor não-surdo e um aluno surdo, intermediado por um intérprete de Libras.



Vídeo 5: Coleta de dados – interação 4

Um aluno surdo (E) se dirigiu ao professor (D) de maneira direta e impositiva, indagando-o sobre os conteúdos do ENEM. Afirmava que os conteúdos trabalhados em sala divergiam dos conteúdos que ele precisava estudar para o ENEM. O professor respondeu ao aluno de forma rude, grosseira:

(4) E: DISCIPLINAS EU REVISAR. NÃO IGUAL DISCIPLINAS PROVA ENEM. COMO FAZ?

‘Eu revisei as disciplinas e vi que não são as mesmas que irão cair na prova do ENEM, como eu faço?’ ”

D: Se eu soubesse o que iria cair no ENEM, eu vendia o gabarito para vocês e ficava rico.

O aluno, ao finalizar a pergunta dirigida ao professor, encolheu os ombros no mesmo instante que sinalizou o pronome interrogativo COMO. Os braços estavam meio abertos e as palmas da mão para cima e os olhos posicionados à direita, dando a entender que o professor era culpado por não ter ministrado o conteúdo solicitado pelo ENEM.

Em toda interação social face-a-face, além do discurso em si, os interlocutores têm o objetivo de proteger a autoimagem que eles têm de si mesmos. Racionalmente, atuam para preservar suas Faces negativas e positivas. Em geral, são conscientes de

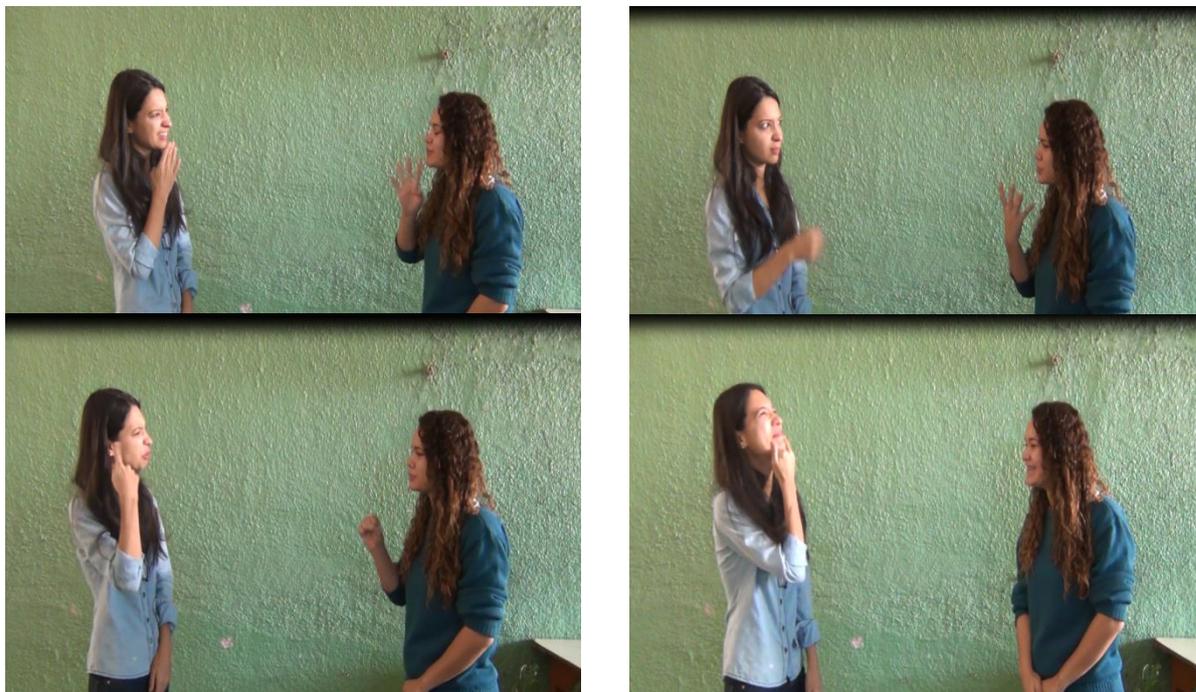
que devem assegurar uma boa transmissão do conteúdo da mensagem, mas que devem seguir rituais que direcionam a estrutura do discurso, a fim de neutralizar os possíveis AAF, usando, para esse fim, de sutilezas e de determinados termos com o objetivo de garantir uma boa interação.

Em um ambiente institucional, o professor exerce uma relação de poder sobre o aluno, que deveria estar ciente de que deveria preservar a Face negativa do professor, utilizando estruturas indiretas, expressões que demonstrassem distanciamento de (D), de forma a mostrar-se atencioso e ter deferência. Evitaria, assim, possíveis interpretações errôneas que poderiam gerar conflitos. Contudo, o aluno surdo se dirigiu ao professor de forma direta e impositiva – *Bald-on record strategy* ou estratégia diretiva (Brown e Levinson (1987 [1978])), ameaçando-lhe a Face. Por sua vez, o professor, detentor do poder na interação, reagiu prontamente, tentando manter seu território. Foi impolido e irônico com o aluno, que se sentiu também ameaçado e não teve mais condições de reparar o AAF do seu interlocutor. Dessa maneira, o professor conseguiu seu território.

Pelo que foi verificado, o aluno teve a intenção de questionar o professor, buscando uma explicação para o ocorrido, mas não de ser impolido nem de afrontar o professor. Nessa interação, alguns pontos podem ser questionados: (i) as práticas sociais entre interagentes não surdos e surdos são as mesmas?; (ii) ser direto ao questionar em Libras é um ato ameaçador da Face do destinatário ou uma estrutura linguística própria dessa língua, o que pode estar associado à modalidade visoespacial?

Vivendo em uma mesma sociedade, tanto o surdo quanto o não surdo compartilham de práticas sociais comuns. Entretanto, em alguns casos, essas práticas diferem. Possivelmente, por ser o professor o interagente hierarquicamente mais alto e com um conceito de polidez internalizado a partir das propriedades abstratas da língua portuguesa, ele categoriza a atuação do aluno em um tipo de classe subalterna à dele e limita a liberdade de atuação do aluno no que diz respeito à prática discursiva e à organização gramatical do discurso. Ou seja, a maneira como o aluno interpela o docente é percebida pelo professor como uma falha de sua atenção ou de compreensão. Para preservar sua Face, o professor emite um AAF contra o aluno. Assim, em uma primeira análise, podemos hipotetizar que o aluno não quis ser impolido e grosseiro com o professor, mas apenas agiu linguisticamente de acordo com os princípios gramaticais de Libras, em que perguntas diretas, sem rodeios, parecem não indicar impolidez.

e) Interação 5 – contextualização: interação entre duas surdas, cujo tema do assunto é uma terceira pessoa:



Vídeo 6: Coleta de dados – interação 5

Nas imagens, observamos uma conversa entre duas interagentes surdas em uma escola. Elas se conheceram recentemente e não há laços de amizade entre elas. Mesmo assim, podemos constatar que as perguntas são diretivas, sem atos que possam preservar a Face de ambas, o que confirma a hipótese que acabamos de descrever em relação às propriedades gramaticais e discursivas de Libras.

(5)E: VOCÊ CONHECE F (faz o sinal da pessoa em questão)?

‘Você conhece F(nome)?’

D: CONHECER.

‘Conheço.’

E: ELA ESTUDA JUNTO COMIGO. ELA É DOIDA!? DESCULPA.

‘Ela estuda comigo. Ela é doida?! Desculpa.’

Ao afirmar que a pessoa de quem estão falando é doida, (E), além de apresentar um juízo de valor em relação ao referente, afirma, de modo diretivo, o seu julgamento. Ao perceber que poderia potencialmente causar um dano à Face negativa de (D), utiliza uma estratégia de polidez negativa, que é pedir desculpas. Assim, (E) tenta salvar sua autoimagem, que está sendo construída no momento dessa interação,

vista que as duas interagentes acabam de se conhecer, ao fazer o sinal de DESCULPA, e ela evita um possível conflito, pois a pessoa de quem estão falando é conhecida de ambas.

f) Interação 6 – contextualização: os participantes da interação são surdos fluentes em Libras e conversam sobre objetos que já emprestaram para alguém.



Vídeo 7: Coleta de dados – interação 6

Nas imagens, observamos uma conversa entre dois surdos em uma casa. Os interagentes trocam experiências a respeito de objetos que já emprestaram a outros surdos. Percebemos que a interação transcorre com um certo grau de informalidade:

(6) E: CARRO EMPRESTAR PESSOA SURDA. DEPOIS MEU CARRO QUEBRAR. LEMBRAR PESSOA SURDA EMPRESTAR. ENTÃO PEDIR EMPRESTAR.

‘Emprestei o carro para uma pessoa surda. Depois, meu carro ficou quebrado. Lembrei dessa pessoa para quem emprestei o carro e então pedi o dela emprestado.’

D: DIZER QUE NÃO.

‘Ela disse que não.’

E: FAZER VINGANÇA.

‘Vou me vingar.’

A conversa flui naturalmente e os interagentes narram os episódios de maneira direta. (E) assume que fará vingança e que não emprestará mais o carro. Pedir algo emprestado pode ameaçar a Face de (D). Entretanto, (E) foi solícito e emprestou o carro uma vez.

Em todas as interações descritas neste trabalho, tanto as informais quanto a formal institucional, verificou-se que o ato de perguntar, bem como o de responder em Libras é direto, sem intermediações. Esse fato não condiz com o argumento de Brown e Levinson (1987 [1978]) que dizem que ser indireto é ser polido. Os autores têm como premissas de polidez que: (i) ser polido é ser indireto; (ii) ser indireto é ser implícito; (iii) a indiretividade promove as inferências. Brown e Levinson (1987, p.142) afirmam que:

atos de fala indiretos são universais e em sua maioria provavelmente construídos de forma essencialmente similar em todas as línguas. Pode-se sugerir que a universalidade dos atos de fala indiretos deriva da função básica que eles desempenham com respeito às estratégias universais de polidez.

O fato de Libras desafiar a teoria proposta por Brown e Levinson (1987 [1978]) pode estar associado ao que Ferreira Brito (1995) observou sobre a polidez nessa língua, quando disse que o parâmetro de intimidade deveria ser substituído por familiaridade, o que está relacionado, por sua vez, ao fato de os surdos viverem muito proximamente, em associações e outros ambientes em que convivem como uma comunidade de fala, com práticas sociais de alguma maneira distintas dos usuários ouvintes, ainda que os surdos estejam frequentemente imersos em ambientes de língua portuguesa.

4.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo, analisamos as entrevistas e os vídeos coletados para este trabalho.

A análise das entrevistas mostrou que, embora o conceito de (im)polidez seja de difícil acesso para os surdos, eles acabam relacionando os registros formais e informais com o comportamento mais (ou menos) educado dos interlocutores e apresentam, nos exemplos fornecidos, elementos gramaticais que podem ser

interpretados como mecanismos de polidez (por exemplo, expressões como “por favor” ou o contato visual, que não deixa de ser um mecanismo mais forte em Libras, por estar associado à modalidade visoespacial). Cabe ressaltar, também, que as entrevistas apontam para uma maior informalidade na interação dos usuários de Libras, o que pode ser uma característica da língua e estar relacionado ao conhecimento precário dos padrões de língua utilizados em contextos formais, quer seja pelo déficit de trabalhos na área, quer seja pelos problemas de escolarização que os surdos enfrentam.

Pelo que foi verificado nas análises, a estrutura gramatical vinculada à polidez em Libras é diretiva. Esse fenômeno contraria, aparentemente, a premissa de Brown e Levinson (1987 [1978]) de que os atos indiretos sejam universais e de que estejam agregados aos elementos que compõem polidez e confirma a análise de Ferreira Brito (1995) de que há, nas interações entre surdos em Libras, um grau de familiaridade tal que atos diretivos podem ser considerados polidos. Um aspecto importante a ser analisado futuramente é o do papel das expressões faciais na expressão da (im)polidez em Libras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verdade que os estudos sobre Libras nos meios científicos vêm se intensificando a partir do decreto nº 5.626/2005, que promoveu a implantação dos cursos de graduação em Letras-Libras. Desde então, diversas pesquisas linguísticas que vêm sendo realizadas nas últimas décadas, também em nível de pós-graduação. No entanto, ainda há muitos assuntos a serem pesquisados sobre o funcionamento da Libras, como é o caso do tema deste trabalho.

O objetivo desta pesquisa foi o de investigar como se manifesta a polidez e a impolidez em Libras, buscando identificar mecanismos gramaticais próprios dessa língua que revelassem a relação entre cognição (e aspectos internalizados da língua) e discurso. Para isso, tentamos conciliar dois referenciais teóricos que consideramos complementares nessa análise: o da gramática gerativa e o da abordagem funcionalista para a polidez.

Iniciamos esta investigação realizando uma revisão bibliográfica do tema. Revisitamos teorias que pudessem fundamentar a nossa coleta de dados em contextos que pressupunham maior ou menor grau de polidez, com foco na interação entre surdos usuários de Libras.

No decorrer da pesquisa, levantamos, com base nas referências sobre variação em Libras, a hipótese inicial de que a mudança contextual no emprego de parâmetros fonológicos em Libras poderia representar algum grau de impolidez, quando os parâmetros fogem ao padrão estabelecido e dicionarizado dos sinais em Libras. Não foi possível comprovar essa hipótese completamente, mas nos parece apropriado considerá-la plausível, em razão das respostas dos surdos à entrevista.

Na análise das entrevistas – um dos elementos que constituiu o nosso *corpus* de pesquisa – identificamos que os surdos relacionaram os registros formais e informais com o comportamento mais (ou menos) educado dos interlocutores e apresentaram exemplos de elementos gramaticais interpretados como mecanismos de polidez (por exemplo, expressões como “por favor” ou o contato visual, que está associado à modalidade visoespacial das línguas de sinais), apontando, também, um maior grau de informalidade na interação dos usuários de Libras, como já apontado por Ferreira Brito (1995), em seu estudo sobre a polidez em Libras.

O capítulo de Ferreira Brito (1995), que nos remeteu à teoria seminal de Brown e Levinson (1987 [1978]) sobre o tema do nosso trabalho, identificava a categoria de familiaridade como tendo grande relevância para a descrição dos atos de fala em

Libras, o que se justifica, na concepção da autora, pelo fato de os surdos interagirem em Libras em ambientes que são próprios deles (como associações, por exemplo).

Dada essa observação, nosso interesse neste trabalho passou a ser o de conhecer melhor esses aspectos gramaticais e discursivos da interação em Libras, com vistas a identificar possíveis mecanismos de polidez nessa língua, tomando como referência Brown e Levinson (1987 [1978]). Para essa etapa da pesquisa, utilizamos vídeos de conversas entre surdos usuários de Libras, em ambientes formais e informais.

A análise dos vídeos mostrou que, aparentemente, as configurações gramaticais de Libras obedecem a uma estrutura diretiva, que, nessa língua, deve ser considerada polida, desafiando a premissa de Brown e Levinson (1987 [1978]) segundo a qual os atos de fala indiretos agregam elementos que compõem polidez. A nossa hipótese é de que isso confirma a proposta de Ferreira Brito (1995) de que o grau de familiaridade entre os surdos tem um papel importante na expressão da polidez em Libras. Ficou pendente, neste trabalho, a análise das expressões faciais associadas a cada um dos contextos – embora consideremos esse aspecto de extrema importância para o fenômeno em estudo, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, deixamos esse tema para pesquisas futuras, tendo que vista que ultrapassa os objetivos iniciais de descrever, em caráter preliminar, as estratégias de (im)polidez em Libras.

Essas constatações indicam a necessidade de continuarmos a pesquisa sobre polidez em Libras, buscando analisar todos os componentes verbais e não-verbais, bem como as práticas sociais dos usuários dessa língua, para chegarmos a uma descrição mais precisa do fenômeno. No entanto, ressaltamos que os resultados deste trabalho poderão fornecer elementos para futuras pesquisas de ordem teórica e pedagógica sobre Libras e sobre as línguas de sinais em geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N. de A. *De sinal em sinal: comunicação em Libras para educadores*. São Paulo, SP: FENEIS, 2008.

ALBUQUERQUE, R. “*O olhar como estratégia de polidez entre duas estudantes de português brasileiro como língua adicional*”. *Revista Letra Capital*, v. 1, n. 2, jul./dez. 2016, p. 53-71.

BAKER, C. A. *Microanalysis of the Nonmanual Components of Questions in American Sign Language*. PhD dissertation, Berkeley: University of California, 1983.

BATTISON, R. “*Phonological deletion in American sign language*”. In: *Sign Language Studies*, v. 5, p. 1- 19, 1974.

BENTO, N. A. *Os parâmetros fonológicos: configuração de mãos, ponto de articulação e movimento na aquisição da língua brasileira de sinais - um estudo de caso*. Dissertação de mestrado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, K. S. *Investigação qualitativa em Educação*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. *Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm

BROWN, P.; LEVINSON, S. “*Universals in language usage: politeness phenomena*”. In: GOODY, E.N. (ed.) *Questions and Politeness – Strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness. Some Universals in Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAPOVILLA, Fernando César; Maurício, Aline Cristina L; Raphael, Walkiria Duarte. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue - Língua de Sinais Brasileira - 2 Vols.* - 3ª Ed. Editora EDUSP, 2013.

CASTRO Jr., Gláucio de. *Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico*. Tese de doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1965.

CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. de. **Representações lexicais da LSB: uma proposta lexicográfica**. 2009. Tese de doutorado. Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2009.

FELIPE, T. A. **LIBRAS em Contexto: Curso Básico: Livro do Estudante**. 8ª ed., Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2001.

FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**: São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: Essays in Face to Face Behavior**. New York, 1967.

HOUAISS, A. (ed.) **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2007.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

LACERDA, C. B. F. de; POLETTI, J. E. “**A escola inclusiva para surdos: a situação singular do intérprete de língua de sinais**”. In: *Anais da 27 reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa em Educação*, Caxambu/ MG, 2004.

LEITE, T. A. **A segmentação da Língua de Sinais brasileira (LIBRAS): um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos**. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 2008.

LIDDELL, S. K. **THINK and BELIEVE: Sequentiality in American Sign Language**. Language, v. 60. vol. 2. p. 372-399, 1984.

MARENTETTE, P. F. **It's in her hands: A case study of the emergence of phonology in American Sign Language**. PHD Dissertation, Montreal: McGill University, 1995.

MARQUES, M. O. “**A referência em duas coleções didáticas**”. In: Leonor Werneck dos Santos. (Org.). **Referência e Ensino: análise de livros didáticos**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 2013.

McCLEARY, L.; VIOTTI, E. **Semântica e Pragmática**. Florianópolis: UFSC-CCE, 2009.

NETO, J. A. C. **Metodologia da pesquisa científica: da graduação e à pós-graduação**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

OLIVEIRA, M. (org.) **Manual de Aprendizagem: Metodologia de estudo & técnicas de comunicação e expressão do alemão**. São Paulo: Books on Demand, 2009.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. de. **Curso de LIBRAS I**. Rio de Janeiro: LSBVid, 2006.

PINTO, P. L. F.; PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M. de. ***Língua de Sinais II***. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Curso de Licenciatura em Letras/Libras, 2008.

PRAÇA, W. N.; VICENTE, H. S. G. “**A expressão gramatical da polidez em Tapirapé**”. ***Cadernos de Linguagem e Sociedade***, vol. 11, nº 2, p. 97-116, 2010.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. ***Língua de Sinais Brasileira: Estudos linguísticos***. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, K. M. da C. ***Reconfigurar a profissionalidade docente universitária: um olhar sobre as ações de atualização pedagógica didática***. Portugal: Porto, 2010.

REIS, F. ***Professor Surdo: A política e a poética da transgressão pedagógica***. Dissertação de mestrado, Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006.

REIS, L. G. ***Produção de Monografia: da teoria e da prática***. 2 ed. Brasília: Senac/DF, 2008.

RODRIGUES, C. S.; VALENTE, F. ***Intérprete de LIBRAS***. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2012.

SAUSSURE, F. de. ***Curso de linguística geral***. São Paulo: Cultrix, 1969.

STOKOE, W. C. “**Sign Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of American Deaf**”. ***Studies in Linguistics: Occasional Papers*** 8. University of Buffalo, 1960.

STOKOE, W. C.; CRONEBERG, C.; CASTERLINE, D. ***A dictionary of american sign language on linguistic principles***. Washington: Gallaudet College Press, 1965.

TAUB, Sarah F. ***Language from the body: iconicity and metaphor in American sign language***. New York: Cambridge University Press, 2001.

VIOTTI, C. E. ***Introdução aos Estudos Linguísticos***. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

XAVIER, A. N. ***Variação fonológica na Libras: um estudo da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais***. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

XAVIER, A. N. ***Uma ou duas? Eis a questão! Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (Libras)***. Tese de doutorado, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2014.

ANEXO I

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAF – Ato Ameaçador da Face
ASL – Língua de Sinais Americana
CAS – Centro de Capacitação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez
CM – Configuração de mãos
D – Destinatário ou interlocutor
E – Emissor
ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio
ENM – Expressão não-manual
F – Falante
FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FL – Faculdade da Linguagem
GU – Gramática Universal
L – Locação
Libras ou LSB – Língua de Sinais Brasileira
LS – Língua de Sinais
M – Movimento
MC – Movimento com a cabeça
MEC – Ministério da Educação e Cultura
MG – Minas Gerais
O – Objeto/complemento
OR - Orientação/direcionalidade
PA – Ponto de Articulação
S – Sujeito
V – Verbo

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Articulação dos sinais para as palavras 'verdade', 'estudar', 'saber'

Figura 2: Par mínimo em Libras

Figura 3: Configurações de mãos segundo Ferreira Brito (1995)

Figura 4: Configurações de mãos segundo Pimenta e Quadros (2006)

Figura 5: Configurações de mãos segundo Faria-Nascimento (2009)

Figura 6: Espaço neutro e ponto de articulação

Figura 7: Sinal para ENCONTRAR

Figura 8: Sinal para ETERNO

Figura 9: Sinal para BRINCAR

Figura 10: Sinal para SURDO

Figura 11: Sinal para BRASIL

Figura 12: Sinal para DIFÍCIL

Figura 13: Sinais sem movimento

Figura 14: Possibilidades de orientação da palma da mão

Figura 15: Sinal para IDOSO

Figura 16: Sinais para expressões emotivas

Figura 17: Sinais feitos com a bochecha

Figura 18: Sinal feito pela combinação de mão e expressão facial

Figura 19: Sinal que combina sons e expressão facial

Figura 20: Sinalização de pessoa

Figura 21: Marcação de tempo verbal

Figura 22: A composição para os sinais 'escola', 'igreja'

Figura 23: Sinal para NÃO

Figura 24: Representação da sentença 'Eu não encontrei o João' (negação no sintagma verbal)

Figura 25: Representação da sentença 'Eu não encontrei o João' (negação na sentença toda)

Figura 26: Expressão não-manual marca negação pós-sentencial

Figura 27: Exemplo de verbo direcional

Figura 28: Exemplo de verbo não-direcional

Figura 29: Exemplos de variação fonológica não-motivada em Libras, segundo Xavier (2011, 2014)

Figura 30: Variação fonológica na sinalização de TER

Figura 31: Sinais em variação fonológica em Libras

Figura 32: Sinais para cumprimentos em contextos formais e informais

LISTAS DE TABELAS

Tabela 1: Perfil dos participantes da pesquisa

Tabela 2: Relação dos vídeos coletados na pesquisa

LISTAS DE VÍDEOS

Vídeo 1: Exemplo de estrutura frasal em Libras

Vídeo 2: Coleta de dados – interação 1

Vídeo 3: Coleta de dados – interação 2

Vídeo 4: Coleta de dados – interação 3

Vídeo 5: Coleta de dados – interação 4

Vídeo 6: Coleta de dados – interação 5

Vídeo 7: Coleta de dados – interação 6

ANEXO II

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Prezado(a)s Amigo(a) surdo(a)s e Senhor(a)s Responsável(is),

Você está sendo convidado a participar da pesquisa "Um estudo sobre a expressão gramatical da Polidez em Libras", de responsabilidade de Rosani Kristine Paraíso Garcia, discente de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é versa sobre uma investigação com respeito à expressão da polidez na Língua de Sinais Brasileira (Libras ou LSB) e desenvolve-se pela análise de dados coletados por meio de pesquisa com a comunidade surda usuária de Libras. O objetivo desta pesquisa é coletar os dados, com gravação de diálogos produzidos por sujeitos surdos desenvolve sobre esse assunto. Assim, gostaria de consultá-lo/a sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Você e/ou o(a) amigo(a) surdo(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, sendo assegurado o total sigilo quanto ao nome do(a)s participante(s). A participação. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como questionários, entrevistas, fitas de gravação ou filmagem, ficarão sob a guarda do/da pesquisador/a responsável pela pesquisa.

A coleta de dados será realizada por meio de bar, escola, casa, faculdade serão realizados a pesquisa. É para estes procedimentos que você está sendo convidado a participar. Sua participação na pesquisa não implica em nenhum risco.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

DESCRIÇÃO DA PESQUISA

- **Objetivo do Estudo:** analisar os elementos linguísticos utilizados como recursos na expressão gramatical da polidez em LSB, tomando como ponto de partida o capítulo que Ferreira Brito (2010) desenvolve.

- **Procedimento:** Coletar os dados de polidez, com gravação de diálogos produzidos por sujeitos surdos. Analisar os dados coletados, para identificar os tipos de polidez e impolidez em LSB.
- **Resultados esperados:** espera-se com esta pesquisa contribuir para o avanço do conhecimento na área da surdez, de uma forma geral; propor categorias de identificação de elementos de polidez na sinalização, sugerindo assim futuras pesquisas para aprofundar a descrição da Libras.
- **Riscos:** a pesquisa não representa nenhum risco de ordem física, psicológica ou de qualquer outra natureza para o(a) aluno(a) participante.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do e-mail rosani_libras@yahoo.com.br

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br.

Eu _____
(nome do(a) surdo(a) participante, **aceito** participar da presente pesquisa.

Eu, Rosani Kristine Paraíso Garcia, pesquisadora e mestranda, me comprometo com o sigilo da fonte e com a produção de estudos e geração de resultados a serem publicados posteriormente na comunidade científica no formato de dissertação e artigo, comunicando igualmente aos bares, às escolas, às casas, às faculdades.

Brasília, ____ de _____ de 2017

Assinatura do/da participante

Assinatura do/da responsável pelo(a) surdo(a) participante

Assinatura da pesquisadora